

# 154

REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

TRÊS ANOS DE 1547



15.47-13ed.gratuita

versão impressa



[PARABOLOIDE.COM](http://PARABOLOIDE.COM)



1547 REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

Revista 15.47.

PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 13 (dezembro - edição 2023)

Brasília - Brasil Online

Bimestral

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design

8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo 13- Direito 14- Psicologia

**DIREÇÃO EXECUTIVA, ARTE E EDIÇÃO:**  
ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

**CONSELHO EDITORIAL:**  
ANDRÉ BERÇOTT  
ANGELINA QUAGLIA  
CYNTHIA NOJIMOTO  
CAIO FREDERICO E SILVA  
JOÃO DINIZ  
LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA  
MARIA HELENA COSTA  
MARIA LUIZA JUNIOR  
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA

**REVISÃO GERAL:**  
ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

**REVISÃO TEXTUAL:**  
PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

**REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:**  
ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
BEATRIZ BERÇOTT  
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA  
MALU PERLINGEIRO

**DIAGRAMAÇÃO:**  
PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

**CAPA E FOTOGRAFIA DE ÍNDICE:**  
FOTOGRAFIA LUH (ALUNA DO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL BSB)  
SUPERQUADRA 308 SUL. BRASÍLIA, 2023  
O SERPENTÁRIO - BURLE MARX

**PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.**  
**BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL**  
**CONTATO@PARABOLOIDE.COM**  
**(+55-61) 99914-0661**  
**(+55-61) 98177-2538**



## ● EDITORIAL

Caros leitores,

Esperando que estejam bem, e que o ano de 2023 tenha sido grandioso, repleto de saúde, amor, paz, realizações e alegrias, trazemos com muito carinho mais uma edição da REVISTA 15.47.

Nessa décima terceira edição convidamos você, leitor, a conhecer o Educação Patrimonial BsB, um dos ganhadores do Prêmio José Aparecido como um importante vetor de conhecimento e de cidadania sobre patrimônio, a cultura, a arquitetura e o urbanismo, além de importantes debates sobre o tema “Eu e a cidade que habito”; a encantar-se com o projeto Jardim de Sequeiros, um Jardim naturalista inspirado no Cerrado, implantado na Universidade de Brasília (UnB); a aprender mais sobre arte e história, com o panorama da arte têxtil; a conhecer a belíssima obra de Paula Calderón; a ler uma jornada urbana a partir de um novo panorama rimado, por meio de lembranças de situações e lugares; a vivenciar a filosofia Ubuntu como parte de uma história pessoal; a entender a indivisibilidade do patrimônio sobre a perspectiva da alimentação; a viver Brasília num poema; a traçar um panorama pós racial a partir de um debate profundo, repleto de muito aprendizado; a receber uma visão jovem sobre o turismo em Brasília; a aprender sobre a vida com um mestre, surpreender-se enquanto entende a arte de admirar; saber mais sobre os processos que tangem o cinema e os streamings, e deleitar-se com temas que tanto enriquecem a nossa vida.

Damos início nesta edição a novas colunas, e recebemos novos escritores. Duas delas estarão vinculadas ao projeto de Educação Patrimonial BsB (E.P.BsB), sendo estas a que leva o nome do projeto, e a coluna “Quem conta um conto?”, onde pretende-se convidar contadoras de histórias para encantar os leitores. Dessa vez a peça é da casa, mas, na próxima revista, a joia já foi convidada. Com isso criamos um espaço para autoras e contadoras de histórias, objetivando trazer ainda mais cultura para a nossa revista.

Outra boa novidade são os links diretos. Ao avistarem esse símbolo , clicando na palavra em negrito que o acompanha, você será direcionado para o item citado no texto. São entrevistas de colegas nossos, visitas a exposições, dentre outros conteúdos complementares a serem ofertados aos leitores.

Por fim, trago uma reflexão importante sobre o ano que passou. Em minha fragilidade humana, aprendi não ser uma heroína de quadrinhos (mesmo que muitos me vejam assim), mas, uma mulher forte. Por causa disso precisei sentar e respirar, deixar uma enorme caravana passar a minha frente, e responder aos anseios não apenas meus. Já de pé, confirmando que nada pode ter saído do traçado mesmo que pareça, porque tudo é perfeitamente pensado para nós, e que estamos na jornada, sigo a dirigir este belo e competente grupo de escritores, do qual pertencço e tenho como uma família. Um presente divino, regado por maravilhosas e doces leituras, um time composto por muito amor ao fazer, competência e dedicação.

Em nome de toda a nossa equipe, desejo um Feliz Natal (ainda em tempo) e um ANO NOVO repleto de saúde, paz, amor, e muitas leituras da Revista 15.47.

Enorme beijo

Angelina Nardelli Quaglia, em nome de toda a equipe da Revista 15.47!



#### Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB, Vice presidente do CONDEPAC, pesquisa as áreas de Patrimônio, acessibilidade/caminhabilidade (*walkability*); história da arquitetura, do urbanismo e das artes; representação e expressão; turístico patrimonial, artes e tecnologias dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, faz projetos e ministra cursos livres nas áreas que domina. Vice presidente do CONDEPAC. Coordenadora dos projetos MEMÓRIA E BRASÍLIA, 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA e EDUCAÇÃO PATRIMONIAL BsB. Cineasta, produz pequenos curtas e desenhos. Fundadora e diretora da *REVISTA 15.47*, coordenadora da equipe editorial, assina as colunas **GASTRÔ CITIES**, sobre gastronomia icônica; e **O DESIGN CRIATIVO + "ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"**, onde traz temas relacionados ao design, o urbanismo, a arquitetura, e a arte.



#### Patrícia Yunes Ávila e Silva

Historiadora da arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte *ArtBSB*. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog "Sobre Arte e Arrepios" e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na *REVISTA 15.47*, além de membro do grupo diretor, assina a coluna **ARTE E HISTÓRIA**, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social Contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



#### João Diniz

Arquiteto urbanista com seu escritório de projetos sediado em BH. Atua também com escritor, artista visual, conteudista digital, e professor no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade FUMEC. É mestre em engenharia civil com ênfase em construção metálica pela UFOP, e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produções em design, cinema, música e livros, apresentando seus trabalhos de arquitetura, artes visuais, poesia e fotografia. Membro do grupo diretor, assina a coluna **ARQUITETURA E PERCEÇÃO**, trazendo debates acerca dos temas que permeiam as cidades, a arquitetura e o indivíduo.



#### Malu Perlingeiro (consultora convidada)

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da *15.47*, escreveu na coluna **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**, (hoje com Beatriz Berçott), trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



#### Maria Luiza Junior

Fomada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP), e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe de Preto. Na *REVISTA 15.47* assina a coluna **FEMININOS MÚLTIPLOS** e **GASTRÔ CITIES**,



#### André Berçott

Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias* e a pela *REVISTA 15.47*. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, escreve na coluna **REFLETIR, POR QUE NÃO?** Um pouco sobre a importância da reflexão sobre a vida nas RAs de Brasília.



#### Maria Helena Costa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Criadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, desperta pessoas, forma times. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no despontar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na *15.47* é responsável pela coluna **SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR**. **Temporariamente afastada da revista, para aprimoramento de estudos!**



#### Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto **60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA**. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto **CRATIVAMENTE**, direcionado a área de entretenimento digital.

Na *Revista 15.47* é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna **GASTRONOMIA E MÚSICA**, onde escreve sobre boas receitas e dicas sobre boas músicas.



#### Eduardo Oyakawa

Pós-doutor em Filosofia da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Mestre e doutor em Mística e Literatura pela PUC-SP. Sociólogo e poeta. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Professor e escritor, tem em entre suas obras o livro *Os Sagrados Cães Dançarinos - Mística e heresia em Franz Kafka*, resultado de mais de uma década de reflexões e questionamentos respondidos pela filosofia, teologia e na história das ideias.

Na *Revista 15.47* escreve em **FILOSOFIA**.



#### Beatriz Berçott

Fotógrafa, revisora de cinema (cinema) e estudante de jornalismo, é uma das sócias da *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, e auxiliou na formatação do projeto **60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA (2020)**. Atua como fotógrafa, criadora de arte gráfica e de desenhos com softwares de arte; produtora de artes visuais, pequenos curtas, cinema e desenhos animados. Também é sócia fundadora da *Bia's Photos*, compondo fotografias e criações autorais, sob encomenda. Na *Revista 15.47* é uma das responsáveis da curadoria de imagens e pesquisa de fotografia e design., sendo também responsável pela coluna **E SE A VIDA FOSSE UM FILME?**, onde escreve cenas possíveis para adaptação de curas, usando a vida real, e suas nuances, e **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**.



#### Juliana Rampim

Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a História da Alimentação Brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama.

Na revista é a responsável pela coluna **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**, onde serão tratados assuntos ligados a memória, e as tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto as panelas, e mantém aquecido o coração.



#### Luciana Azevedo (consultora convidada)

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto a Jézer Junior é a responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde nessa *Revista 15.47* serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



#### Jézer Junior (consultor convidado)

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso "Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Condutor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto a Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde nessa *Revista 15.47* serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



#### Christiane Reis Dias Villela Assano (convidada)

Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1998). Possui Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). É professora de música da Fundação de Apoio à Escola Técnica. Foi professora substituta na Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP), na Pós-Graduação Lato Sensu "Alfabetização das Crianças das Classes Populares" da Universidade Federal Fluminense e na Graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical, piano, educação musical a distância, **música e educação, artes cênicas e alfabetização musical**.



#### Francisco José Alencar de Arape

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de teurapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana. Na *Revista 15.47*, escreve sobre **PSICOLOGIA**, auxiliando os leitores com ensinamentos e conhecimentos relevantes, e auxiliares, em espacial para o momento que estamos vivendo.



#### Alexandre Guerra

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na *REVISTA 15.47* é responsável pela coluna **GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE**, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



#### Luciano Brasileiro de Oliveira

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (UnB); Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasilera de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA. Na *Revista 15.47* escreve em **DIREITO**.



#### Lucia Helena Moura (convidada)

Arquiteta Urbanista com graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1980). Atualmente é assessor na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, e possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Paisagismo, Meio Ambiente, Planejamento Urbano e Regional. Em nossa *Revista 15.47* foi convidada a representar, quando possibilitada, a Associação Brasileira de Arquitetos paisagistas do Distrito Federal (ABAP-DF), sugerindo escritores para a coluna.



#### Nelson Inocêncio

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador de Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. Na *15.47* é responsável pela coluna **ALTERIDADES**.



#### Lucas Pontes

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA). Nascido em Brasília -DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa *Revista* escreve em "**CONEXÕES URBANAS**" e **POESIA**.



#### Marta Romero

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), e também Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993), e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do Laboratório de Sustentabilidade da **PPG-FAU/UNB (LaSUS)**.



#### Elaine Toledo

Instrutora e Palestrante com mais de 25 anos na área da Aviação Civil – Comportamento, Postura Profissional e Mentoria para Aeronautas. Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pessoas pelo IESB, com especialização e qualificação realizados no Brasil e Bogotá/Colômbia em Taller Imagen Etiqueta y Protocolo, Taller Calidad de Vida e CRM – Corporate Resource Management. Na *Revista 15.47* escreve contos com fins motivacionais, na coluna **CRÔNICAS COTIDIANAS**.



#### Marta Simone

Formada em direito, atuou no âmbito do Poder Legislativo Federal (Câmara dos Deputados e Senado Federal); do Poder Executivo (Ministério da Justiça); e em Organizações Não-Governamentais, atuando na formulação e implementação de políticas públicas, "Direitos Humanos e Minorias", especialmente com o tema "Direitos da Mulher", tendo sido Coordenadora Nacional do "Programa Nacional de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher" (Ministério da Justiça). Possui ainda Formação na Faculdade de Artes Cênicas (Licenciatura) e Formação em Coaching pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBC). Escreve na coluna **CRÔNICAS E ESTÓRIAS**



#### **Carlos Eduardo Barbosa Garcez**

Internaionalista, pós graduado em políticas públicas e gestão governamental, pós graduado em direito do estado. Barista, sócio proprietário do **Saboretto Cafés Especiais**. Entusiasta de marketing digital e fotografias, é responsável pelo **O NOBRE CAFÉ**.



#### **Oswaldo Amorim**

Contrabaixista/Compositor/Diretor Musical, Professor efetivo da Escola de Música de Brasília desde 2003, é graduado em Licenciatura em Música pela Universidade de Brasília (1996). Em 1998, selecionado pelo programa APARTES do Ministério da Educação (MEC), muda-se para Nova York onde conclui o curso de especialização em contrabaixo pela Bass Collective, sob a orientação de John Patitucci. Ainda em Nova York é premiado com uma bolsa de 75% pela Manhattan School of Music, onde concluiu o curso de Mestrado em Jazz Performance, em 2001, sob a orientação de Jeff Andrews.

Músico profissional desde 1990, já se apresentou em várias cidades no Brasil e no exterior, além de realizar gravações e tocar ao lado de grandes nomes como Branford Marsalis, Marcio Montarroyos, Toninho Horta, Roberto Menescal, Léo Gandelman, Hamilton de Holanda, Oswaldinho do Acordeon, Iva Bittová, Pena Branca, Irmãos Galvão, Dércio Marques, Renato Vasconcelos, Dave Pietro, Mike Tucker e muitos outros. Na Revista 15.47, escreve na coluna **O TOM DA MÚSICA**



#### **Mariana Almada**

Graduação em ARTES VISUAIS e em TEOLOGIA, possui especialização em HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA pela UnB e SAÚDE MENTAL, pelo Instituto Kallie. Professora no SEEDF. Tem experiência na área de Alfabetização, Formação de professores SEEDF, Ensino Religioso, Saúde Mental e Arte - com ênfase em Artes Visuais, Música e Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro de bonecos, criatividade, fotografia, educação, práticas sociais com ênfase na diversidade /saúde mental e psicanálise. Arte-Educadora, Fotógrafa apaixonada pelas formas, cores, tons, ângulos, pessoas, animais, na Revista 15.47 é responsável pela coluna OLHARES.



#### **Deusdedith Alves Rocha Junior**

Graduado em licenciatura em História pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB - 1989), possui mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB - 1995) e doutorado em História, também pela UnB (2015). é professor universitário à mais de 20 anos, atuando como professor titular e como coordenador do curso de História do Centro Universitário de Brasília e como Assistente da disciplina Ética, Cidadania e Realidade Brasileira. Além disso possui vasta experiência em ministrar aulas para o ensino fundamental e médio. uma experiência, com mais de 20 anos, na área de História, com ênfase em História do Brasil Colonial, História Regional, Ensino de História e História da Gastronomia. Também atuou como professor nas disciplinas de Ética, Epistemologia e Antropologia, gastronomia e voluntariado junto a crianças e adolescentes Em nossa revista apresenta a coluna SABERES.



#### **Francisco Isidoro Pessoa Neto**

Bacharel em turismo pela Universidade de Brasília (UNB), é Professor do QUALIFICA DF, nas matérias orientador de Turismo e Hospedagem. Além de ministrar o curso, fomenta os saberes a partir de visitas técnicas por Brasília.

Artista Plástico, registra o cerrado, a Capital Federal, e diversos temas do dia a dia. Em nossa revista é responsável pela coluna TURISMO - UM OLHAR A TENTO



#### **Júlia Compan**

Professora de jardinagem e paisagismo na Qualifica DF desde 2022. Formada em arquitetura e urbanismo pela UDF (2016 - 2020) e pós graduada em Engenharia Ambiental (2020 - 2022). Participei de projetos de extensão na UNB (Jardim de Sequeiro e Jardim Louise Ribeiro em 2021 - 2022).

Na Revista 15.47 é responsável pela coluna FLORA EM FOCO.



#### **Júlio Pastore**

Professor adjunto da Universidade de Brasília - UnB nas áreas de Paisagismo, Arborização Urbana e Jardinagem. Agrônomo pela Universidade Federal de Goiás (2004), mestre em Paisagismo pela Università degli Studi di Firenze, Itália (2008). Doutor em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo FAUUSP (2014). Entre 2015 e 2017 desenvolveu pesquisa (pós-doutorado) sobre Filosofia da Paisagem e Teoria do Paisagismo na FAUUSP com estágio em pesquisa (interrompido) na Universidade da Califórnia, Berkeley. Desde a graduação tem atuação profissional nas áreas de paisagismo, jardinagem e recuperação ambiental, no Brasil, na Austrália e na Itália. Ganhador de 2 prêmios nas áreas de Arborização (Secretaria do Meio Ambiente/GDF) e de Paisagismo (V Bienal Latino-Americana de Arquitetura da Paisagem).

**● ARQUITETURA. URBANISMO. ARTE. FOTOGRAFIA. CULTURA**

- 08 Eu e a cidade que habito . Um olhar sobre o ensino e troca - E.P.BsB
- 12 Conheça o Jardim de Sequeiro: Jardim naturalista inspirado no Cerrado - Júlia Compan e Júlio Pastore
- 15 Bordando a história. Um panorama da arte têxtil. - Patrícia Yunes
- 20 Paula Cálderón - Equipe PARABOLOIDE
- 24 MEMÓPOLIS I . Lembranças de situações e lugares - João Diniz - Belo Horizonte (MG)
- 31 Lucas Pontes - Buenos Aires (Argentina)
- 32 Navegar é preciso: FILOSOFIA UBUNTU PRESENTE! Mariana Almada

**● HISTÓRIA. PATRIMÔNIO. GASTRONOMIA. TURISMO**

- 38 A indivisibilidade do patrimônio: perspectivas a partir da alimentação - Juliana Rampim
- 44 Um mini guia sobre cafés especiais - os métodos de extração - Carlos Eduardo Barbosa Garcez
- 46 Sobre os movimentos da alma, que tocam a vida! - Luiza Junior e Angelina Quaglia
- 49 Olhar Turístico sobre o quadradinho - Francisco Isidoro Pessoa Neto

**● SOCIOLOGIA. PSICOLOGIA. DIREITO . POESIA . COTIDIANO**

- 52 Dostoiévski e a questão da liberdade - Eduardo Oyakawa - São Paulo -SP
- 57 Pós racial - Nelson Inocêncio
- 60 LI e WU, O MESTRE - Deusdedith Alves Rocha Junior
- 66 A difícil arte de aplaudir! - Ellaine Toledo
- 68 O movimento incomoda? A arte das perguntas que movimentam... Maria Helena Costa

**● MÚSICA. CRÔNICA. CHARGE**

- 71 Das telas aos cinemas, dos cinemas as telas - Beatriz Berçott
- 75 O conto do do "despertencer"- Angelina Nardelli Quaglia
- 77 A boa música precisa ser ouvida! Agenda de shows - Oswaldo Amorim

**● FOTOGRAFIA DA CAPA**

- 78 Capa - Por Luciana Rodrigues Pereira de Jesus

## ● EDUCAÇÃO PATRIMONIAL BSB



E. P. BsB

### EU E A CIDADE QUE HABITO

Um olhar sobre o ensino e troca

UM DOS VENCEDORES DO  
PRÊMIO JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA

A educação é uma espécie de cola que faz com que os saberes unam-se em um ato sistêmico, dentro de um processo que sedimenta o conhecimento e as trocas que formam a sociedade, definem a sua cultura, a até mesmo interferem no modo como utilizamos os espaços nas cidades, dentre tantas outras coisas importantes. Sob a luz do patrimônio essa cola precisa ser ainda mais densa, para suprir as lacunas que aparecem entre a educação Patrimonial e a Educação Popular. Se elaborada de forma correta, utilizando uma mescla das metodologias convencionais e das utilizadas para a construção da educação patrimonial, esses dois seletos grupos da educação coexistirão com clareza e se fortalecerão.

Partindo do princípio onde a qualidade da educação e dos saberes que envolvem o reconhecimento do patrimônio permeiam os mesmos desejos, de forma a ofertar bagagem cultural - e sendo ambos urgentes, mesmo não sendo iguais - , surge o projeto Educação Patrimonial BsB (E.P.BsB).

O projeto surgiu a partir do entendimento onde o Patrimônio e a Cultura são fundamentais para a formação dos cidadãos de uma nação, afinal, só assim fortalecemos o país a ponto de permitir que as pessoas compreendam a necessidade da manutenção de nossas riquezas culturais, e com isso, gerar o pertencimento coletivo, permitindo o reconhecimento dos bens patrimoniais como um todo. O projeto visa trabalhar com a comunidade, em especial nas escolas e Universidades, os conceitos de memória, cultura e patrimônio, arquitetura, urbanismo, arquitetura da paisagem, pertencimento, ressignificação cultural, ética, cidadania, sustentabilidade, dentre outros assuntos que possam trazer a experiência de olhar para o mundo e para as pessoas e seus legados históricos e culturais, de uma forma diferente, semeando uma nova cultura comunitária e social.

A valorização do patrimônio material e imaterial, da identidade cultural e da relação com a cidade e o patrimônio histórico ,começam a ser compreendidos desde a infância e juventude. Outros fatores são agregados a este processo, como, por exemplo, o reconhecimento da sustentabilidade como parâmetro a seguir, e a ética, permitindo a manutenção de tantos itens importantes em nossa sociedade. Para tanto, integrar os jovens à cidade e a cultura, oferecendo estes saberes é nossa missão. Permitir que o saber forme a sociedade e agregue para sempre o valor da memória, da Cultura e do Patrimônio. Acreditamos no acréscimo de bagagem cultural como fortalecimento de uma nação, e de um indivíduo. Sejam crianças, jovens ou adultos, estamos todos prontos para aprender mais, sempre!

O projeto foi pensado pela professora Angelina Nardelli Quaglia, e é formado por sabedores de cultura, mestre e doutores, visando a troca e o ensinamento sobre o patrimônio, a cultura, a arte, a arquitetura e o urbanismo, e a percepção da paisagem gerando pertencimento, e incluindo importantes aspectos que resultam na formação do cidadão brasileiro.





Figura 01: Portifólio E.P.BsB

A fim permitir a inclusão das diversas metodologias e temas, optou-se por dividir os conceitos e trocas por idades, formando as cinco "caixas dos saberes", onde são guardadas as experiências valiosas do aprendizado individual e coletivo, sendo elas: (i) Caixa 01, Caixa 02 e Caixa 03 voltadas para os ensinos fundamental 1 e 2, e Ensino médio. Todas com projetos formadores do cidadão, personalizados a partir da faixa etária e das características por elas percebidas sobre "o eu e o mundo"; (ii) Caixa 04, voltada para as Universidades, permitindo o aprofundamento dos estudantes sobre problemáticas atuais relacionadas ao patrimônio, arquitetura, urbanismo, direito urbano, cidade e sociedade, cidades inteligentes, e sustentabilidade, onde são ministradas palestras, minicursos, cursos em parceria com as universidades e faculdades. publicações e pesquisas, ofertando, quando possível, bolsas de iniciação científica (PIBIC); e por fim, (iii) Caixa 05, que salvaguarda palestras, cursos livres, visitas técnicas, lives, podcasts, documentários, criação de músicas e musicalização de adultos com o tema do

patrimônio cultural e demais itens formadores dos saberes, e do conhecimento acerca da sociedade em geral (governo e sociedade civil). Essa última caixa oferta pequenas "pílulas de saberes" fomentando o processo de conhecimento, através daquilo que salvaguarda, gera palestras, exposições, documentação, cursos, dentre outros.

O projeto é fruto da PARABOLOIDE.Incubadora de Ideias Ltda., e fará um ano no início de 2024. No entanto, mesmo que ainda tão tenro, apresenta um vasto portfólio composto por: (i) pesquisas sobre cidade, sociedade e patrimônio, em andamento, junto a universidades dentro e fora de Brasília, envolvendo estudantes e professores, tratando de patrimônio, paisagem, sustentabilidade, caminhabilidade(1), dentre outros temas que já são de prática nossa em pesquisas; (ii) uma pequena coleção de documentários (curtas), e exposição fotográfica virtual e presencial - produzida com os alunos de ensino médio do Centro Educacional do Lago (CEL) -, e em outros espaços, a realizarem-se em 2024; (iii) um documentário que trata da memórias em Brasília e no Distrito Federal, que será projetado em algumas Regiões Administrativas, como processo de parceria com outros grupos, a partir de fevereiro de 2024; (iv) oferta de minicursos de cinema e roteiro, e de curadoria para exposições de arte, de arquitetura, urbanismo e paisagem, dentre outros; (v) bem como pequenas publicações infantis falando de Brasília, que serão lançadas em abril, dentre outros tantos projetos que estão acontecendo, e cabem nas caixas de saberes.

Cabe ressaltar que o projeto é gratuito para as escolas públicas, e possui custo baixo para as escolas privadas, além de ofertar de cursos, visitas técnicas e passeios educativos (para todas as idades), com custos justos, visando educar sobre o patrimônio, ofertar o conhecimento sobre a cidade e a sociedade, e fomentar os saberes que permitem o planeta mais justo e igual, capazes de gerar a manutenção de bens culturais e naturais para as futuras gerações.

Para a diretora e coordenadora do projeto, a necessidade em trazer qualidade de conhecimento sobre o que tange o patrimônio e a sustentabilidade, é fundamental para permitir que "afloremos" a manutenção de nossos bens, sejam naturais, materiais ou imateriais.

"Tudo se relaciona, liga-se por meio de um raciocínio único e sistêmico que permite a partir do conhecimento, a manutenção de uma nação. É simples, basta que observemos. Normalmente onde as cidades são mais bem cuidadas, e seus bens patrimoniais mantidos, existe maior conhecimento da população sobre a cidade, a manutenção da paisagem, dos conceitos primordiais do lugar, e o pertencimento, que só ocorre quando estamos familiarizados com aquilo que está a nossa volta, e sabemos respeitar. Não há manutenção daquilo que não sentimos ser nosso, ou daquilo que não respeitamos, sendo de outros, A ideia do projeto é essa, fomentar o saber e o respeito, a partir de pequenos atos, que multiplicados, tornam-se grandiosos."

O **Educação Patrimonial BsB** ficou entre os vencedores do Prêmio José Aparecido de Oliveira(2), criado em 2007, coordenado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Seccec), para fins de reconhecer trabalhos de relevância na preservação e valorização do patrimônio cultural do Distrito Federal. A premiação ocorre sempre no mês de dezembro, a fim de celebrar a inscrição de Brasília como Patrimônio Mundial desde 1987, “aniversário” do reconhecimento de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Neste ano, com o prêmio retomado na gestão do Secretário de Cultura Cláudio Abrantes, foram premiados os projetos “Água de beber”, com o primeiro lugar, um curta interativo de realidade virtual que permite ao espectador a vivenciar os primeiros dias da cidade, acompanhando os bastidores da composição de Água de beber, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim. O “Grupo de Pesquisa e Inventário do Acervo Histórico do Teatro Dulcina e Fundação Brasileira de Teatro”, em segundo lugar, catalogando e preservando um dos acervos mais importantes do teatro brasileiro, e o “Educação Patrimonial BsB”, em terceiro lugar, visando fomentar os saberes e o debate acerca do patrimônio, da cultura, da arquitetura e do urbanismo do Distrito Federal, debatendo a cidade, a sociedade, e trazendo a tona as percepções das questões que envolvem o patrimônio e a cultura, a cidade onde moramos e nossas trocas de conhecimento, de forma pontual e também plural, a partir de grupos de saberes, faixas etárias e tipologias de conhecimentos, entendendo que patrimônio é uma troca, e uma construção coletiva! A premiação ocorreu no Eixo Cultural Iberoamericano, emocionando a todos os premiados e convidados.



Figura 02: Curta interativo “Água de beber”



Figura 03: Acervo Dulcina de Moraes.



Figura 04, 05 e 06: Logomarca doEDUCAÇÃO PATRIMONIAL BsB; Visita técnica na Escala Monumental; e Visita técnica na Escala Residencial



**Para assistir a culminância do primeiro semestre de 2023, realizada a partir da projeção mapeada de exposição fotográfica dos colaboradores e documentários realizados pelos alunos, basta clicar em [assistir aqui](#), ou seguir pelo QRCode.**

O projeto Educação Patrimonial BsB conta esse semestre com a **exposição virtual**, montada a partir da curadoria de exposição feita pelos alunos do projeto E.P.BsB e do Centro Educacional do Lago (CEL), com fotografias deles, acrescidas de desenho de galeria virtual por meio da mescla dos desenhos por eles pensados, sobre o tema **EU E A CIDADE QUE HABITO**. A **exposição física ocorrerá no próximo ano (2024)**, em espaços significativo em Brasília, e manteremos em segretos até o momento certo de contar para todo mundo a surpresa preparada para o ano que vem.



#### Dicas de como visitar a exposição virtual

1. Entrem pelo QRCode ou CLICANDO NO TÍTULO DA EXPOSIÇÃO, NO CARTAS;
2. Apertem o play;
- 3 Cliquem nas imagens que querem ver mais de perto;
4. voltem a dar play para seguir e sigam o percurso;
5. Caso tenham óculos de realidade aumentada, usem e abusem;

Boa exposição. Contem se gostaram!

Beijos

Angelina Nardelli Quaglia  
(diretora e coordenadora do E.P.BsB)

#### Notas

1. Caminhabilidade, do inglês Walkability, é um conceito que permite a medição do nível de facilidade dos pedestres ao andarem pela cidade, que dependerá de diversos fatores, como, por exemplo, da qualidade das calçadas, da existência meios de transporte (modais) diversificados, passando pela renda e aplicação de recursos públicos e privados na educação e melhoria dos lugares onde os pedestres transitam. E apenas como um caráter de curiosidade, é a caminhabilidade, em conjunto com esta oferta maior de transportes, que conectam pedestre e cidade, permitindo o direito ao uso da cidade de forma justa e acessível a todos.

2. José Aparecido de Oliveira foi governador do Distrito Federal entre 1985 e 1988. Durante a sua gestão, no ano de 1987, Brasília recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO.





Júlia  
Compan



Júlio  
Pastore

## ● FLORA EM FOCO

### CONHEÇA O JARDIM DE SEQUEIRO: JARDIM NATURALISTA INSPIRADO NO CERRADO

Reconhecido internacionalmente através da sua premiação na V Bienal Latino-Americana de Arquitetura da Paisagem, ocorrida no México em 2022, o Jardim de Sequeiro surge em 2020 quando nasce a necessidade de um jardim sustentável para o após a crise hídrica de 2016 e 2017 e da greve dos profissionais terceirizados que inviabilizou a manutenção e rega constantes do jardim central do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília (UnB).

Coordenado pelo professor Júlio Pastore e implantado por alunos e voluntários de diversas áreas de conhecimento, esse jardim naturalista utiliza a técnica de “sequeiro” para evitar a necessidade de irrigação, como uma área extensa de gramado ou jardim sobre laje exigiria. O jardim utiliza, a seu favor, a estação chuvosa de Brasília: se desenvolve e floresce durante as chuvas, e seca quando chega o período de estiagem (Pastore & Honorato, 2023).

#### Jardim como ferramenta de educação ambiental

Um jardim ritmado pelas estações auxilia na percepção de que estamos inseridos numa paisagem específica, no caso de Brasília, savânica, com estações de chuva e de seca. A composição naturalista, com uso de mixes de espécies herbáceas de diferentes formas e texturas, remete às formações campestres do cerrado. O jardim revela, também, o valor estético das plantas desse bioma (Siqueira et al., 2021). Para isso, o Jardim de Sequeiro conta com a mistura entre gramíneas nativas, flores anuais e plantas comestíveis e medicinais, além de possuir dois módulos perenes onde se mantém, também, plantas arbustivas nativas do cerrado.

Dentre as espécies nativas mais utilizadas estão os **capins membeca** (*Andropogon leucostachyus*), **capim-vassoura** ou rabo-de-burro (*A. bicornis*), ***Andropogon fastigiatus*** e **capim-orelha-de-coelho** (*Paspalum stellatum*), todas gramíneas. São também utilizadas a macela (*Achyrocline* sp.), ***Tricogonia prancei***, ***Lepdaploa aeurea*** e ***Chamaechrista*** (sp).

Os voluntários deste projeto de extensão universitária têm a oportunidade de aprender sobre as plantas utilizadas dentro do Viveiro da UnB, testando

substratos, composições harmoniosas entre as plantas e analisando quais plantas se desenvolvem bem nas condições que possui o local onde serão implantadas: Jardim sobre laje, tendo poucos centímetros de profundidade e um ambiente de sol pleno. Além disso, aprendem sobre *planting design*, que é o planejamento compositivo do jardim, e sobre sua implantação através de semeadura direta, onde se usam mixes de sementes para semear as áreas delimitadas.



Figura 01: Jardim de Sequeiros - UnB  
Fonte: Júlio Pescatore

---

substratos, composições harmoniosas entre as plantas e analisando quais plantas se desenvolvem bem nas condições que possui o local onde serão implantadas: Jardim sobre laje, tendo poucos centímetros de profundidade e um ambiente de sol pleno. Além disso, aprendem sobre *planting design*, que é o planejamento compositivo do jardim, e sobre sua implantação através de semeadura direta, onde se usam mixes de sementes para semear as áreas delimitadas.

A coordenação de pesquisa do Jardim de Sequeiro promove alguns estudos sobre biodiversidade e sustentabilidade, dentre eles: Como o jardim serve de abrigo e alimento para alguns insetos, a meliponicultura em meio urbano com a criação de abelhas nativas dentro do jardim e como aprimorar os resultados estéticos e ambientais da técnica a cada ciclo. Há também as oficinas abertas para a comunidade geral sobre arranjos florais secos, abelhas nativas, fotografia e macrofotografia, artesanato e até flores comestíveis.



Figura 02: Florescência do Jardim do Sequeiro - UnB  
Fotografia: Beto Monteiro (UnB)



Figura 03: Florescência do Jardim do Sequeiro - Universidade de Brasília  
Fotografia: Beto Monteiro (UnB)

## Paisagem Dinâmica

Sendo um jardim sazonal, a passagem das duas principais estações do bioma cerrado é revelada na paisagem: O momento mais quente e úmido possui tons verdes e o colorido das flores. Já no momento mais seco do ano, o jardim adquire tons amarronzados e ocres, assim como as formações campestres do bioma.

Para se manter florido durante os meses chuvosos, utiliza-se espécies precoces, que florescem rápido (ex: *linhaça*), espécies tardias, que demoram para florescer (ex: *gaillardia*) e plantas perenes, que duram vários ciclos (ex: *babosa*, *Aloe* sp.). Dessa forma, enquanto uma espécie finaliza seu ciclo de vida, as flores de outra espécie estarão desabrochando. Com a chegada do período de seca, entre abril e maio, o jardim, que depende da água da chuva, se seca. É, ainda passível de fruição: seu planejamento compositivo e manejo buscam potencializar seu potencial estético mesmo nesta etapa. Serve também de abrigo e suporte para a avifauna.

Entre maio e junho, a depender do ciclo de chuvas de cada ano, são colhidas as sementes e a palha seca do jardim é triturada e utilizada para proteger o solo das intempéries. As sementes são beneficiadas, quantificadas e armazenadas em câmara fria. O ciclo do Jardim se encerra, e assume uma nova equipe que se ocupará de desenhar e plantar o jardim novamente quando retornarem as chuvas.

## Lição de Sustentabilidade

O jardim possui uma área de 5 mil metros quadrados. Para reduzir os custos da implantação e garantir biodiversidade, o jardim de sequeiro se mantém sem a utilização de pesticidas, fertilizantes químicos e a frequente irrigação. Além da vantagem econômica da coleta e beneficiamento das sementes no fim do ciclo que serão utilizadas para o próximo período chuvoso.

Composto inicialmente por plantas exóticas e no estilo modernista da década de 70, agora o edifício brutalista de Oscar Niemeyer e João Filgueiras Lima ganha uma paleta composta por plantas nativas no seu módulo perene, dando visibilidade ao bioma cerrado em um local tão movimentado, despertando assim, valorização dessas espécies que costumavam passar despercebidas, além de resgatar a biodiversidade local.

### Referências

JÚLIO BARÊA PASTORE; El “Jardim de Sequeiro” de la Universidad de Brasília – Brasil: Una propuesta de innovación en el paisajismo brasileño inspirada en los ciclos de su vegetación de sabana. Iconos del Diseño 2023 - Cuartilla de descripción del proyecto

JÚLIO BARÊA PASTORE; PAULO HENRIQUE HONORATO. Jardim de Sequeiro: a rainfed garden technique, innovative in aesthetics and environmental quality, inspired by the Cerrado. Ornamental Horticulture, v. 29, n. 3, p. 375–387, 1 jan. 2023.

SIQUEIRA, M. DE M. et al. Paisagismo e Cerrado: jardins para celebrar savanas e campos brasileiros. Paisagem e Ambiente, v. 32, n. 48, p. e158266, 6 out. 2021.

Figura 04: Jardim de Sequeiros  
Fonte: Júlio Pescatore



## ● ARTE E HISTÓRIA



Patrícia  
Yunes

## BORDANDO A HISTÓRIA UM PANORAMA DA ARTE TÊXTIL

Quando o homem do período paleolítico enfrentou o mundo que a realidade histórica lhe impunha, não o fez sem antes estar devidamente preparado. De posse dos materiais indispensáveis, pôs-se a caminhar com lanças rudimentares nas mãos e o corpo protegido das hostilidades dos animais e do clima gélido, típico do quaternário em seus últimos tempos. O que à primeira impressão poderia insinuar um certo determinismo evolutivo, escamoteia, na verdade, a busca por conforto físico e o atendimento às necessidades mais urgentes de sua espécie; assim nos afirmam arqueólogos e paleontólogos.

Desde então, nossa relação com o que é posto sobre a pele ou acomodado ao ambiente no qual transitamos (como colchas, tapetes e bordados) sofreu modificações significativas. Cada momento histórico foi testemunha da criação de novos materiais têxteis, cujas finalidades e variações foram alteradas, moldadas e reinventadas à proporção da complexidade das demandas humanas. A tecnologia, aliada de primeira hora dos impulsos por consumo, ofereceu, generosa, as bases técnicas e materiais para que a livre expressão e a criatividade se sobrepusessem às contingências básicas, como foram as dos primeiros grupos humanos na Terra.

Com a experiência, passamos a tecer nossas memórias e a história dos nossos tempos. Aproximamos fibras e lãs dos sentidos físicos e das emoções. Foi dessa maneira que soubemos, por intermédio das construções mitológicas, que Ariadne entregou um novelo de lã a Teseu (para facilitar a saída do labirinto) e que Penélope, durante mais de 20 anos, tecia e desfazia sua colcha à espera de Ulisses.

Graças a um trabalho primoroso, uma das tapeçarias mais importantes na história da arte medieval europeia foi exaustivamente reproduzida e permanece como objeto de inúmeros estudos, ainda hoje. Trata-se da famosa *A Dama e o Unicórnio*, um ícone da arte mundial, hoje em exposição no *Museu Cluny*, em Paris<sup>1</sup>. Composta por seis peças, fora supostamente oferecida como presente a um casal da alta nobreza na Idade Média. Além de aquecer os ambientes internos dos castelos, úmidos e frios durante parte considerável do ano, as tapeçarias adornavam os espaços mais requintados, como obras de arte monumentais.



Figura 01: A Dama e o Unicórnio  
Foto: Medieval Imago

Alguns estudiosos defendem a ideia de que o conjunto que compõe *A Dama e o Unicórnio* tenha sido produzido em Flandres, por suas características específicas. Mas o caráter excepcional desta obra, além do forte apelo estético, deve-se ao manancial de informações que puderam ser extraídas dos detalhes dos objetos e dos diversos símbolos que contextualizam as utopias e o rico imaginário social do medievo<sup>2</sup>.

---

Sob a perspectiva do século XV, o homem renascentista reacomoda o centro do universo ao mesmo tempo em que substitui as utopias e o medo pelo racionalismo e pela ciência. Nos encontros sociais, acomodava os alimentos e grafava, nas toalhas das mesas, as letras das músicas a serem tocadas e cantadas. Dessa forma, garantia a comunhão estreita entre música, material fabril e paladar. Um verdadeiro banquete sensorial e a constatação de que as novas bases culturais propostas não se limitavam às técnicas de pintura.

Notadamente, ao circularmos hoje pelo interior das exposições, tanto em galerias quanto em instituições federais ou nas grandes feiras de arte, por certo observaremos um número relevante de obras que utilizam têxteis (não raro, combinados a outros elementos) como material principal em suas produções. A *assemblage*, que desde a década de 1950 é técnica escolhida por inúmeros artistas, garante seu espaço, já solidificado há algum tempo, em diferentes abordagens e outros contextos.



Figura 02: Artista: Alessandra França  
Imagem: Patrícia Yunes

A artista contemporânea Alessandra França poderá nos auxiliar com um exemplo inicial. Basta mencionarmos que, em produção de 2020, executou, em pequenas caixas de acrílico, algo que nos remete ao aconchego dos tempos de infância. Fitas bordadas dividem o espaço com pequenas imagens fotográficas e objetos diminutos, delicados, mas cheios de significados. Cada item a assumir função importante na construção dos diversos símbolos mostrados pela artista. Uma concepção contemporânea que flerta com o passado, mas sem incorrer no perigo do anacronismo óbvio. Como não lembrarmos dos porta-joias que, nos últimos anos da década de 1970, punham a girar, ao som de *Lullaby de Brahms*, pequena bailarina feita de porcelana.

Independentemente das querelas acerca da liberdade de criação na arte contemporânea, que por certo abarca muitas nuances, estão os artistas que optam por tornar as novas relações estéticas as condutoras de seus trabalhos. Sobretudo aquelas que recorram à afetividade ou à estética relacional; apenas uma das multifaces que a arte contemporânea abriga. Em recente exposição, *Raé-Israel Hora* tece, com suas próprias mãos e agulhas de crochê, um útero moldado com arames nas cores prata e ouro. Na obra *Quebrar a casca*, a destreza da atividade manual recebe o impacto da mensagem, para alguns, subliminar. E um fio de sangue vermelho escorre até tocar o chão. Em queda livre, um passeio pela memória da dor e da libertação que o trabalho evoca. Sem dúvidas, uma forma contundente de se posicionar.



Figura 03: Artista Raé - Israel Hora  
Imagem: Maísa Coutinho



Figura 04: A artista Raé-Israel Hora  
Foto de Maísa Coutinho

Permitam-me seguir com os exemplos. Desta vez, gostaria de chamar a atenção para o que pude constatar em um dos maiores eventos do campo artístico na América Latina. Obras que continham lãs, linhas, tiras de couro e outros tecidos, foram destaque durante a 19ª SP-Arte (Festival Internacional de Arte de São Paulo), que ocorreu em março de 2023. No decorrer dos cinco dias do evento, desfilou, diante do olhar atento do público, uma profusão de trabalhos que denunciavam a prática bem-vinda de muitas experimentações nos ateliês.

Representada pela *Galeria Matias Brotas*, a artista *Adriana Eu* nos presenteou com a exposição da obra *Toda costura tem dois lados*. O objeto síntese da ideia, uma grande agulha de costura cromada e sem pontas, contrastava com as linhas vermelhas, muito lisas, quase lânguidas, a nos mostrar que a funcionalidade pode estar subordinada à simetria harmônica de duas extremidades distintas, embora colaborativas.

Gostaria ainda de destacar os trabalhos de cinco artistas e as galerias que os representam. Pela galeria *Fortes D'Aloia & Gabriel*, a obra *Sons e cheiros de um domingo no parque*, da artista *Gokula Stoffel*. As belíssimas tapeçarias de *Genaro de Carvalho* (1926-1971), a maior parte delas em lã feitas no tear manual e bordadas com fios soltos, foram expostas no espaço da *Galeria Passado Composto* (ES). A *Galeria Alex Rocca* (PR), cujo estande estava quase todo coberto com os *Mantos* e, finalmente, a obra exuberante, também em tapeçaria, de *Roberto Nicola*, em exposição no estande da *Galeria Frente*. Importante lembrarmos que as obras mencionadas estiveram em exposição durante a SP-Arte.



Figura 05: Adriana Eu, na SP-Arte  
Foto: Patrícia Yunes



Figura 06: Gocula Stoffel  
Foto: Patrícia Yunes



Figura 07: Genaro de Carvalho  
Foto: Patrícia Yunes



Figura 09: Alex Rocca  
Foto: Patrícia Yunes



Figura 08: Alex Rocca  
Foto: Patrícia Yunes



Figura 10: Norberto Nicola  
Foto: Patrícia Yunes

Ante os movimentos cada vez mais acelerados rumo aos chamados trabalhos manuais, poderíamos inferir, apressada e equivocadamente, que tem havido a descoberta de novos insumos (o que é verdade, em alguns casos), técnicas totalmente inovadoras, sem lastro anterior. Em outras palavras, uma interpretação que busca minimizar conceitos basilares da história da arte, como a noção de processo e o aprendizado em longo período, ainda que a ideia de ruptura possa ser abraçada.



Figura 11: Letícia Parente  
Foto: vogue.globo.com

Acaso uma crise mnemônica nos teria tornado reféns, ao ponto de não lembrarmos das costuras que Letícia Parente

fez nos pés em sua antológica *Vídeo Art*? Ou dos trabalhos com tecidos de Leda Catunda e das obras que utilizaram, além dos tecidos, outros apetrechos de armarinho, composições típicas do artista Leonilson? Estamos a falar de obras que foram imortalizadas no decorrer e após o movimento artístico pujante, conhecido como Geração 80. E muitos outros, antes deles, já haviam caminhado por estradas similares.

Em nossos dias, Ernesto Netto e Élle de Bernardini (mais recentemente) já incrustaram seus nomes no hall dos trabalhos memoráveis. E para não nos restringirmos às nossas cercanias, destaco a artista polonesa Magdalena Abakanowicz (1930-2017), que tornou-se uma das grandes expoentes da Escola Polonesa de Tapeçaria e a artista portuguesa Vanessa Barragão, cujo trabalho com tapetes e painéis, incrivelmente elaborados e esteticamente irretocáveis, tornou-se ferramenta visual relevante nos esforços em favor da atualíssima pauta ambientalista.



Figura 12: Vanessa Barragão, Coral Garden  
Foto: My Modern Met., en español

Mas, afinal, estaríamos fadados a um revisionismo bucólico, em ciclos intermináveis e estéreis? Ou seria, tão apenas, simples saudosismo?

No primeiro caso, a própria história surge em nosso socorro e os inúmeros registros descritos neste artigo, ainda que modestos, atestariam o que pode realizar a potência criadora e a inventividade de nossa espécie. Grosso modo, diríamos que, apoiados em experiências de outros tempos, assimilamos o aprendizado, incorporamos novos elementos e devolvemos uma nova produção ao mundo.

Para pensarmos na segunda hipótese, peço licença para pinçar um comentário feito pela artista plástica *Adriana Marques*, quando divagávamos a respeito da temática “saudosismo” em recente evento no Museu Nacional da República. Na interpretação de Adriana, esse retorno ao passado ocorreria sob um olhar direcionado, que mira nas atividades que envolvam sentido tátil, com a utilização de materiais “quentes”, como tecidos, linhas, lãs etc. Dessa forma, privilegiaríamos o manuseio direto, minimizando as intermediações de pinceis ou espátulas. O retorno ao natural como forma de estreitarmos os convívios. Atendendo à minha estilística, acrescentaria: como se o artista desejasse a fusão, desaparecer na obra, visceralmente, em busca de mais humanidade e menos impessoalidade.

---

Um contraponto ao ambiente excessivamente tecnológico, por certo. Talvez uma lembrança dos tempos longínquos, não apenas de nossas experiências sensoriais do aroma de bolo vindo da cozinha na casa dos avós, do toque da camisola de flanela em nossa pele, quando éramos crianças, ou do chão vermelho que encardia os pés, após sentirmos a textura da terra que entrava por entre os dedos, quando descalços no jardim de casa.

Acredito que deva ser algo anterior. De um período ainda mais recuado no tempo, no qual utilizávamos peles de animais para nos aquecer. E como as voltas que o mundo faz não são rápidas, tenho a impressão de que pouco evoluímos. Seguimos na utilização do couro em roupas e mobiliários, agora, de forma glamourizada e capitalista. Quem diria.

**Deliberadamente optei por não mencionar o fenômeno Arthur Bispo do Rosário (1911-1989), cuja produção artística merece um artigo exclusivo.**



Figura 13: Vanessa Barragão  
CORAL GARDEN | 2020  
Foto: vanessabarragao.com

---

## Notas

1. Tresors de L'Art Medieval, Le Musée de Cluny devient. Musée National du Moyen Age. Parte das informações foram extraídas do catálogo da exposição. Fevereiro/1992.

2. Para saber um pouco mais a respeito dos costumes e do imaginário da Idade Média, sugiro recorrer às produções do grande medievalista francês, Jacques Le Goff: O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval e outras obras. No Brasil, Hilário Franco Júnior em As utopias medievais.

● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA



Beatriz  
Berçott

## PAULA Calderón

Assim como as flores do cerrado, que desenha belamente, Paula Calderón é firme e delicada. Em sua obra o que não faltam cores sólidas, porém gentis. O que não falta nas obras dessa artista são cores sólidas, porém, delicadas, traços leves, e um jeito jovem e irreverente de colocar na arte o doque vibrante que carrega junto a si, deixando claro, mesmo numa rápida conversa, que não está ali por diversão, mas sim, porque aquele é seu dom, refinado por meio de muito estudo e dedicação.

As características na construção de suas obras, cria um mundo que rompe com a realidade, dando voz ao invisível do cotidiano. Suas pinturas são um reflexo da pesquisa constante do significado da existência e representam a busca da ancestralidade e da essência tanto coletiva como particular.

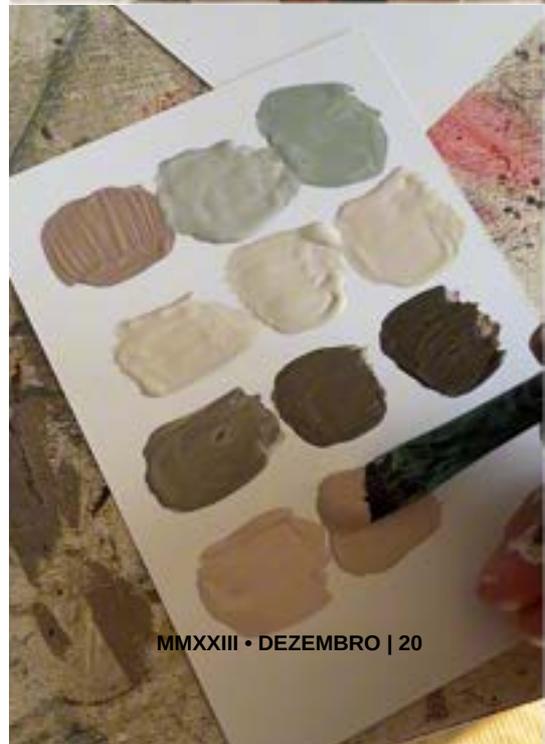
**Qual foi o seu primeiro contato com arte? Conte-nos alguma história que tenha marcado esse momento de reconhecimento como memória sua?**

Meu primeiro contato com a prática artística veio desde cedo, por ser de uma família criativa e que gosta de pintar e desenhar. Sempre ganhei de presente materiais de pintura e papelaria e isso me incentivou para que meu principal passatempo fosse o desenho. Na verdade, não imaginava que um dia viraria a minha profissão, mas sempre gostei de pintar, desenhar e principalmente, criar.

**Quando você decidiu trabalhar com arte, tomou a iniciativa pensando que seria um hobby, ou sempre soube que seria a sua profissão?**

Na verdade, como comentei, nunca imaginei que seria artista. Sempre tive muito interesse na prática, em ver processos de outros artistas e em criar, mas minha formação é em uma área bem diferente (sou engenheira mecânica), e não imaginava que trabalhar com arte seria viável para mim. Ao longo do tempo, meus caminhos foram mudando e ser artista profissional foi uma escolha que tomei quando percebi que a arte, ser criativa e compartilhar minha visão de mundo, fazem parte de mim. Ser artista profissional foi uma decisão que tomei e venho reforçando todos os dias.

Figura 01: Imagem sobre a autora e obra.  
Fonte: Instagram PAULA CALDERÓN



**Qual a sua inspiração para retratar em suas pinturas as flores, as plantas e as imagens que remetem e descrevem o bioma do Cerrado?**

Sempre tive um contato com a natureza muito forte. Gosto de estar imersa e observar cada detalhe do que me rodeia, para poder capturar a essência e a delicadeza das paisagens, plantas e flores, criando obras que fazem a gente refletir sobre o que nos rodeia. Gosto muito de andar pelo cerrado observando a variedade de cores e texturas que ele tem.

O Cerrado tem como característica ter ciclos bem definidos e intensos. Em um deles, chove demais, enquanto em outro tem um clima muito seco. As plantas e as paisagens se adaptam a essas mudanças e criam elementos que as ajudam a sobreviver. Observar essas mudanças e esses elementos direto na natureza é lindo.

**Com relação a sua obra, podemos perceber a presença de cores leves, porém, bastante sólidas. Certamente essa percepção nossa tem a ver com a técnica escolhida por você para as suas representações, presentes não apenas nas pinturas, mas também nas reproduções em cadernos, cadernetas e cangas. Qual técnica usa, e quais são as paletas de cores que mais lhe agradam, nas suas representações?**

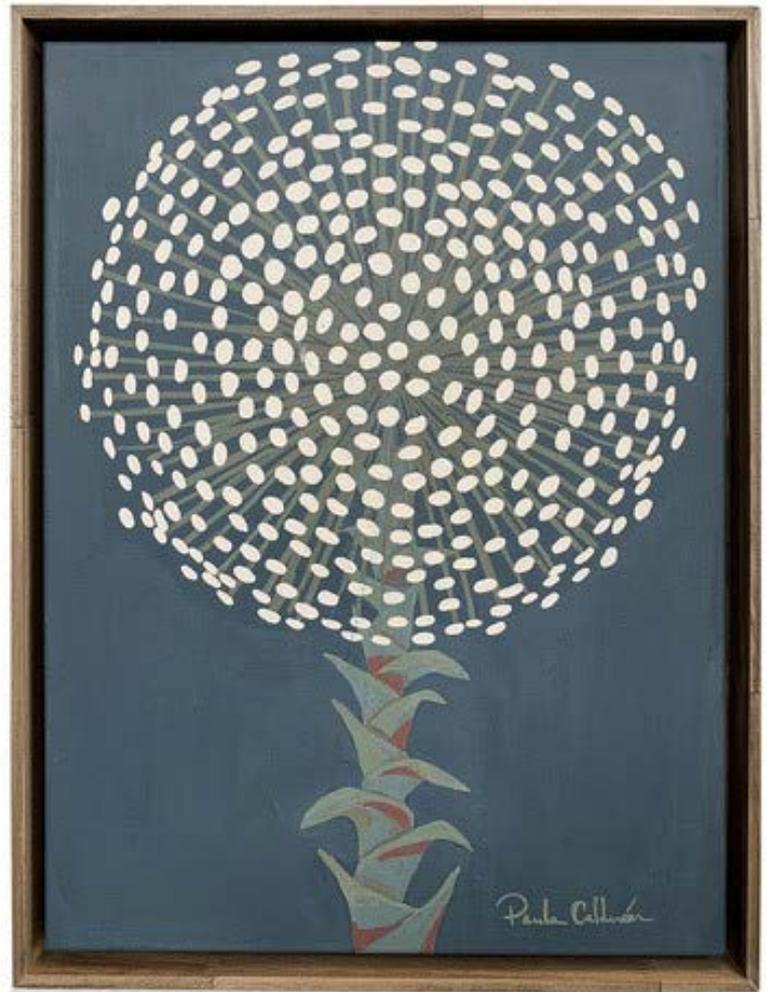


Figura 02: Chuveirinho no Anitecer (Pintura original)  
Acrílica sobre tela com moldura canaletta.  
Coleção Cerrado  
Dimensões: 43 x 33 cm  
2022

A técnica que utilizo em minhas pinturas é a acrílica sobre tela e a inspiração das cores vem direto da natureza. Não busco uma representação realista, mas sim a captura da essência das cores e a expressão de sentimentos que causam. Gosto de observar e documentar as cores que vejo e então trazer para o ateliê. Com esse arquivo de cores, faço diferentes misturas com pigmentos nas cores primárias e documento essas cores criadas. A partir daí, crio paletas para cada obra pensando na sensação que quero passar com aquela pintura.

**Quais são os métodos que pintura, e materiais, que mais lhe agradam ao uso?**

A tinta que mais me agrada é a tinta acrílica, pela rapidez em secar, fazendo com que crie camada sobre camada, chegando em um resultado opaco e uniforme. Faço muito experimentos com materiais e marcas diferentes e crio a minha própria base de tinta acrílica branca para misturar os pigmentos, usando diferentes proporções das tintas que estão no mercado. Com isso, chego em uma textura, fluidez e opacidade que gosto de trabalhar. Gosto da tela como suporte, mas também experimento diferentes técnicas e suportes. No momento, além das pinturas em acrílica sobre tela, tenho também desenvolvido obras em pratos de porcelana e experimentado gravação em linóleo. Experimentar sempre faz com que descubra novas técnicas e materiais interessantes para me expressar.

---

**Nos últimos anos suas obras têm sido expostas em locais e eventos importantes, relacionados à arte e ao mercado do design de interiores. Conte-nos sobre a sensação sobre este reconhecimento. Sobre a sensação de ver suas obras expostas em locais importantes, qual é a sensação?**

Sempre tive um contato com a natureza muito forte. Gosto de estar imersa e observar cada detalhe do que me rodeia, para poder capturar a essência e a delicadeza das paisagens, plantas e flores, criando obras que fazem a gente refletir sobre o que nos rodeia. Gosto muito de andar pelo cerrado observando a variedade de cores e texturas que ele tem.

O Cerrado tem como característica ter ciclos bem definidos e intensos. Em um deles, chove demais, enquanto em outro tem um clima muito seco. As plantas e as paisagens se adaptam a essas mudanças e criam elementos que as ajudam a sobreviver. Observar essas mudanças e esses elementos direto na natureza é lindo.

**Com relação a sua obra, podemos perceber a presença de cores leves, porém, bastante sólidas. Certamente essa percepção nossa tem a ver com a técnica escolhida por você para as suas representações, presentes não apenas nas pinturas, mas também nas reproduções em cadernos, cadernetas e cangas. Qual técnica usa, e quais são as paletas de cores que mais lhe agradam, nas suas representações?**

Ver minhas obras sendo expostas em diferentes locais é uma sensação indescritível. As pinturas que faço são um reflexo do meu olhar no mundo, então, saber que as pessoas apreciam e se conectam com o meu trabalho é extremamente gratificante.

**Nestes últimos três anos de exposições, parte do cotidiano das artes plásticas, qual trouxe a você uma sensação diferente, um sentimento mais profundo?**

Tenho um carinho especial sempre que participo das exposições que tratam de temas que estão constantemente no meu repertório. Temas como a força e o poder da mulher, a natureza que nos rodeia, as paisagens e o Cerrado me agradam



Figura 02: Chuveirinho no Anoitecer (Pintura original)  
Acrílica sobre tela com moldura canaletta.  
Coleção Cerrado  
Dimensões: 43 x 33 cm  
2022

demais. As exposições coletivas que tratam desses temas são sempre especiais e, juntar artistas com linguagens diferentes mas falando sobre a mesma coisa é muito potente.

**Você cita muitas vezes a sua relação com o INVISÍVEL DO COTIDIANO. Sobre o que se refere essa sensação entre o invisível e o cotidiano, e como expressa em suas obras?**

Minha referência ao "invisível do cotidiano" se relaciona com a ideia de que muitas vezes não percebemos a beleza e a poesia que estão ao nosso redor. O sol batendo nas folhas, o canto de um pássaro, o formato do olho de uma pessoa que está andando na rua, a forma como a cor dos elementos muda ao longo do dia. Costumo pensar que artistas observam o mundo e transformam essas informações no que querem que os outros vejam. Em minhas obras, tento revelar o extraordinário dessas coisas comuns, direcionando o olhar de quem vê minhas pinturas para que pare e observe o que te rodeia. A beleza está aqui em cada detalhe, basta pararmos para percebê-la.

---

**O formato como as artes se apresentam é modificado em cada período, a partir das mudanças culturais e sociais. Como você explicaria o mercado da venda de artes, hoje? O uso da internet nesse processo facilitou, aprimorou, ou complicou as vendas?**

O mercado da venda de artes hoje é altamente influenciado pela internet. As redes sociais diminuíram a distância entre quem tem interesse nas artes e quem as produz, fazendo com que facilite, sim, esse contato. Isso também proporciona mais acesso aos processos e inspirações dos artistas, fazendo com que haja uma proximidade e desmistificação das artes. No entanto, também faz com que os artistas independentes diminuam o tempo de criação para administrar outros setores, como as redes sociais, fazer toda a negociação e registro de processos. Então, é importante que haja um equilíbrio.

**Que conselho poderia deixar aos artistas que estão começando agora em Brasília?**

**Para qualquer artista que está começando, meu conselho é a prática. A prática é a resposta para quase qualquer obstáculo que possa aparecer no caminho. A prática é a resposta para quem quer definir sua identidade artística, para aprimorar técnicas, para encontrar suportes e materiais que mais se identifica, aprender a lidar com o mercado de arte, entre várias outras dificuldades que possam aparecer. Não tenham medo de experimentar e se arriscar.**



## ● ARQUITETURA E PERCEPÇÃO



João  
Diniz

## MEMÓPOLIS I

### Lembranças de situações e lugares

Memópolis é a cidade onde habitam mentalmente todas as outras, percorridas ou desejadas, registradas ou invisíveis, existentes ou não.

## SANTA FÉ

A mãe e filho de dez anos foram convidados a assistir uma palestra do escritor de o Tempo e o Vento, em sua cidade natal, cenário de seus escritos.

Após sua fala o autor, e um pequeno grupo de fãs, caminhando pela praça local descreveu como, em seu livro, havia removido e relocado, numa espécie de imaginário mapa literário onde sua história foi desenvolvida, várias das construções ali existentes, incluindo até a igreja matriz.

O menino, futuro arquiteto, urbanista e professor, ouviu atento àquele relato, e teve naquela noite sua primeira lição profissional, da qual sempre lembrou em suas futuras aulas e projetos.



---

## CORDISBURGO

Foi em Cordisburgo que lhe ocorreu a pergunta:

Por que os naturais deste estado são chamados de mineiros, denominação dada àqueles que mergulham nas penumbras da terra buscando preciosidades desconhecidas?

Por que não chamá-los de geralistas, palavra apropriada aos que, sobre seus cavalos ou outros transportes, saem pelos campos, cruzam montanhas e horizontes em busca de outras geografias e afetos?

Em face desta indagação em torno da nomeação dos nascidos em Minas Gerais, ele se reconheceu pertencendo ao segundo grupo.



## ALTEROSAS

As horas passavam lentamente naquela madrugada na rua da Bahia.

Olhando os edifícios antigos ao lado do castelinho manuelino, sucediam-se os canecos de chopp, enquanto os irmãos comentavam sobre o livro que leram recentemente sobre os escritores ativos nos primeiros anos cidade.

Ficaram imaginando se Carlos, Rubião, Otto, Sabino, Abgar, já olharam aquelas fachadas, daquele mesmo ângulo, onde eles tomavam agora os seus goles.

Enquanto isso artistas, casais, mendigos e vendedores ambulantes, passavam pela calçada num fluxo que encerrava a noite.

A conversa entre os dois refletiu se, dali a alguns tantos anos, eles e aqueles personagens do presente, seriam lembrados pelos boêmios do futuro.



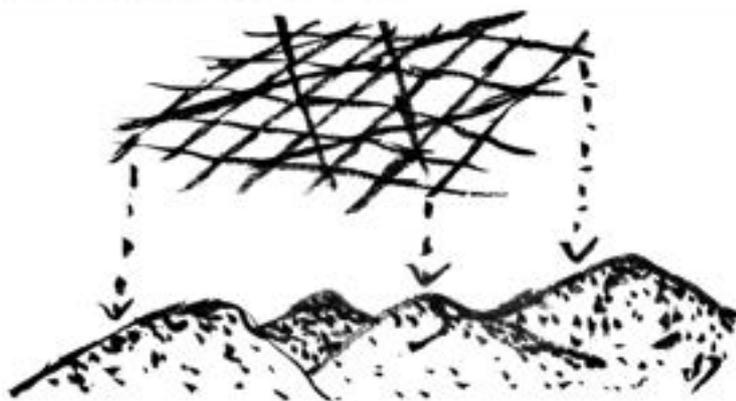
---

## BELORIZON

A princípio pode parecer incoerente que o plano racional da cidade, com suas ruas ortogonais cortadas por avenidas diagonais a 45°, pouse sobre uma ondulada topografia de montanhas.

Há dúvidas se, esta conformação física do espaço urbano, considera intencionalmente ou não, a oposição entre geometria e geografia, entre vias retas e as curvas tridimensionais da natureza.

Imagina-se também se esse antagonismo, não seria até positivo, chegando mesmo a conformar o caráter da gente que ali habita, ao revelar, desde os primeiros contatos, seus fortes traços de sensualidade e de razão.



## MONTEVIDEO

A rosa dos ventos aponta o sul no da aquela praça, numa tarde fria e nublada de Montevideú.

Aquela seta, como uma bússola invertida, questiona o nortecentrismo magnético das dominâncias econômicas e culturais do planeta terra.

O grupo de jovens arquitetos, conversa então sobre aquele desenho no piso de um espaço público, refletindo autocraticamente sobre a necessidade de reversão de um possível caráter periférico em suas futuras atuações meridionais.



## AMAZONAS

Na comunidade pobre o bom humor era constante, e frequentemente os moradores se reuniam, numa espécie de culto, em torno de uma mesa com uma vela acesa, onde tomavam a bebida sagrada.

Naquela noite um dos participantes chega com um passarinho ferido nas mãos, que foi colocado inerte ao lado da chama, enquanto o grupo, após alguns goles, começa a cantar o hinário.

Passado algum tempo, com aquelas canções entoadas, o pequeno ser começa a mover suas asas.

Percebendo estes movimentos, um dos participantes da cerimônia abre a janela e a avezinha decola, voltando a voar pelos céus da Amazônia.

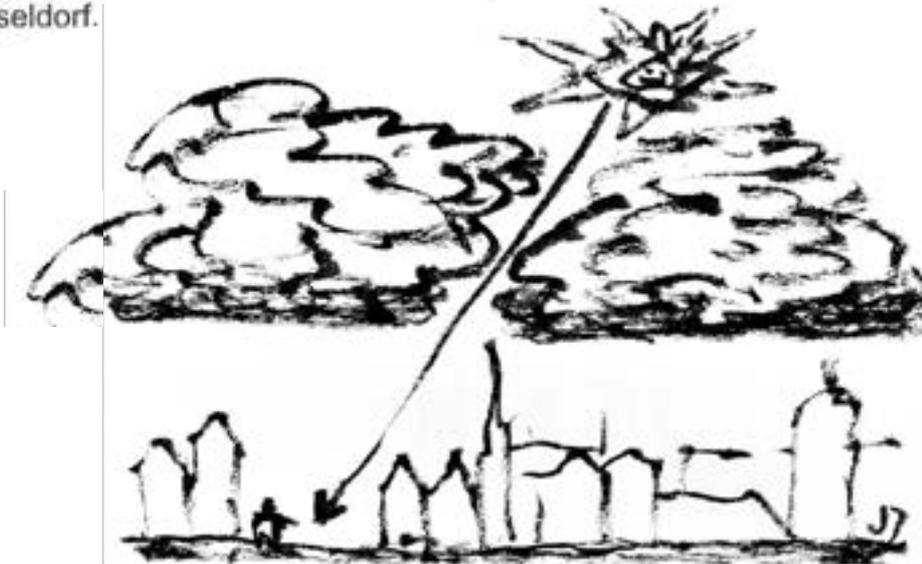


## DÜSSELDORF

A programação fora intensa naquele mês de novembro com palestras, recepções, caminhadas, vernissages e novos contatos promissores.

Apesar da temporada de surpresas e aprendizados, parecia pairar no ar uma sensação de incompletude, um tipo de incômodo inexplicável.

O último dia daquela estadia revelou a origem daquela carência, quando um inesperado raio de sol atinge o rosto de um dos visitantes, perfurando por poucos minutos, o cinza do, até então permanentemente nublado, céu de Düsseldorf.



## CATALUNYA

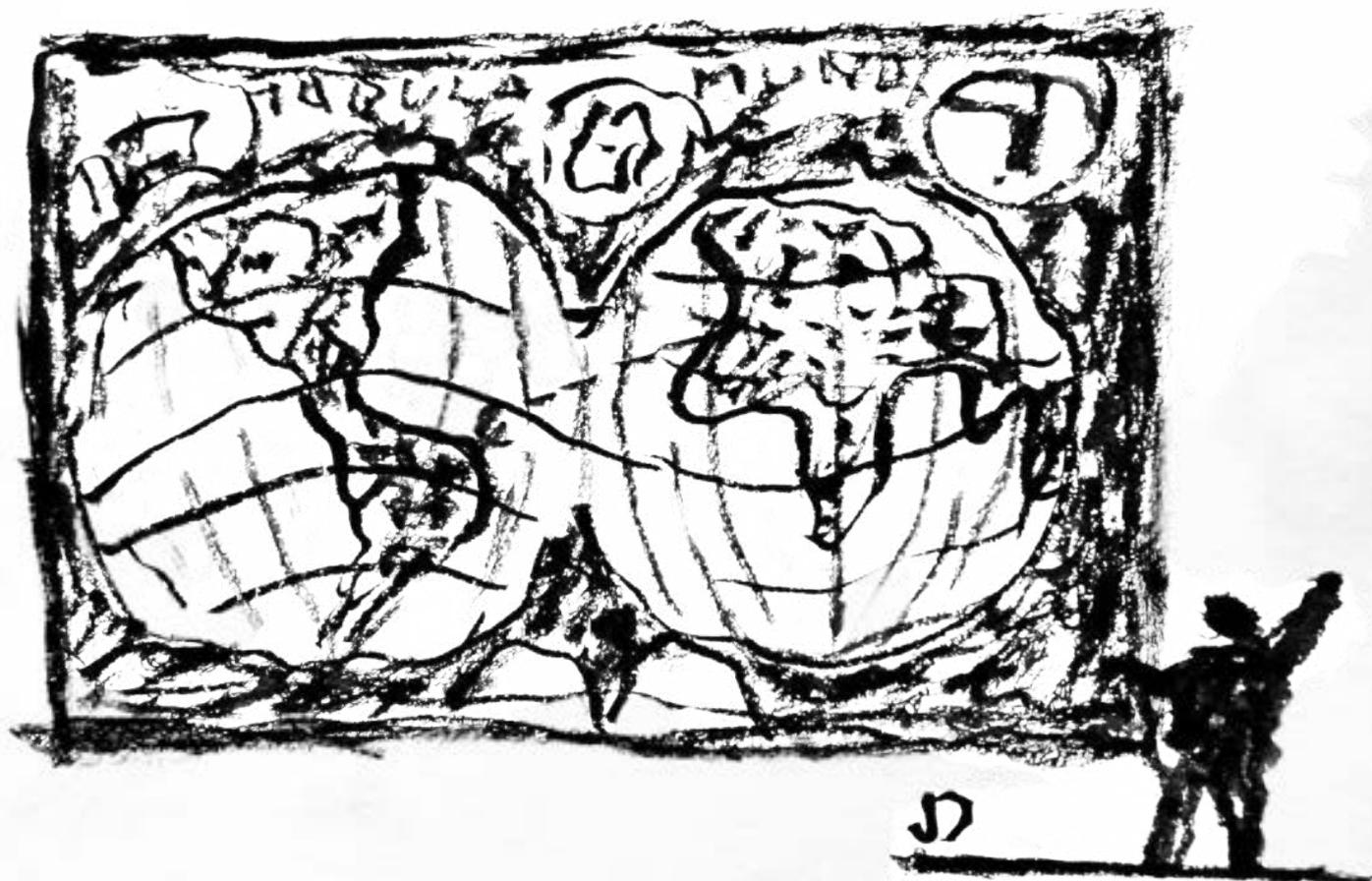
Ele passou grande parte daquela chuvosa temporada numa praia capixaba, dentro do quarto do hotel, lendo, escrevendo, e olhando para o antigo mapa mundi em frente à sua cama, com o desenho dos dois hemisférios terrestres circulares, cruzados por caravelas.

Aquele mapa parecia querer sugerir algo a ele, que aguardava na época a confirmação de uma viagem profissional ao interior da França, que acabou por se confirmar.

O trabalho aconteceu na Catalunha francesa bem próximo à Espanha, e se tratava de, junto a um grupo de jovens arquitetos de diversas nacionalidades, propor um plano de abertura de fronteiras, em face recente criação da União Europeia m, entre duas cidades vizinhas, cada uma em um daqueles países.

Ao chegar na França e entrar no quarto do modesto hotel onde se hospedou, ele reconheceu imediatamente o mapa mundi na parede, idêntico àquele da temporada hoteleira anterior do outro lado do Atlântico.

De pronto ele entendeu que aquela carta de navegação queria lhe dizer que, as necessárias viagens acontecem a tempo e as fronteiras físicas e mentais, na hora certa, acabam inexistindo.



---

## MONTREAL

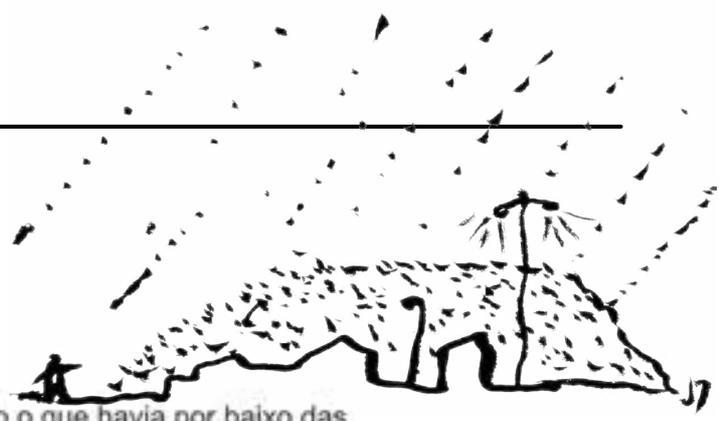
Os habitantes apresentavam a cidade descrevendo o que havia por baixo das brilhantes colinas de neve.

Diziam que sob aquelas topografias temporárias, e de ofuscante claridade, haviam flores, gramados, e bancos de praça, plenos de abraços e melodias de um longínquo verão.

Insistiam que havia ali uma outra cidade, distinta daquelas dunas escorregadias e solúveis.

Para o visitante de trópicos distantes, aquelas ondulações brilhantes pareciam fabulosas, apesar de congelarem todos os seus sentidos e aparelhos.

Tal forasteiro passou a considerar se a imagem ideal de cada cidade recém descoberta, seria a que por ele foi captada à primeira vista, ou aquela que não pôde ser observada durante o curto período de sua visita.



## VILA RICA

Foram dois anos de estudos em Vila Rica.

Os momentos mais interessantes daquela temporada aconteceram quando não havia nada a fazer, e ele passava o tempo a registrar a cidade, em sua pequena caderneta, através de desenhos e textos rápidos.

Aquelas páginas logo cheias de traços e palavras narravam além dos espaços observados na cidade, as dúvidas, sonhos e invenções daquela época.

Num dia chuvoso, por descuido, aquele pequeno livro de delírios cai numa enxurrada caudalosa e por ela é levado por uns tantos metros.

Após recuperado o volume, foi constatado que os registros daquelas páginas, estavam estranhamente alterados, algumas aquarelas ainda mais lavadas e a maioria dos escritos modificada para um líquido idioma, quase ininteligível.

Aquele dilúvio gráfico transformou a voz daquelas imagens, que passaram a apresentar uma imprevista beleza, colocando em dúvida se, as lembranças se tornam mais significativas quando modificadas por algum tipo de amnésia ou acaso.



---

## LITERÁLIA

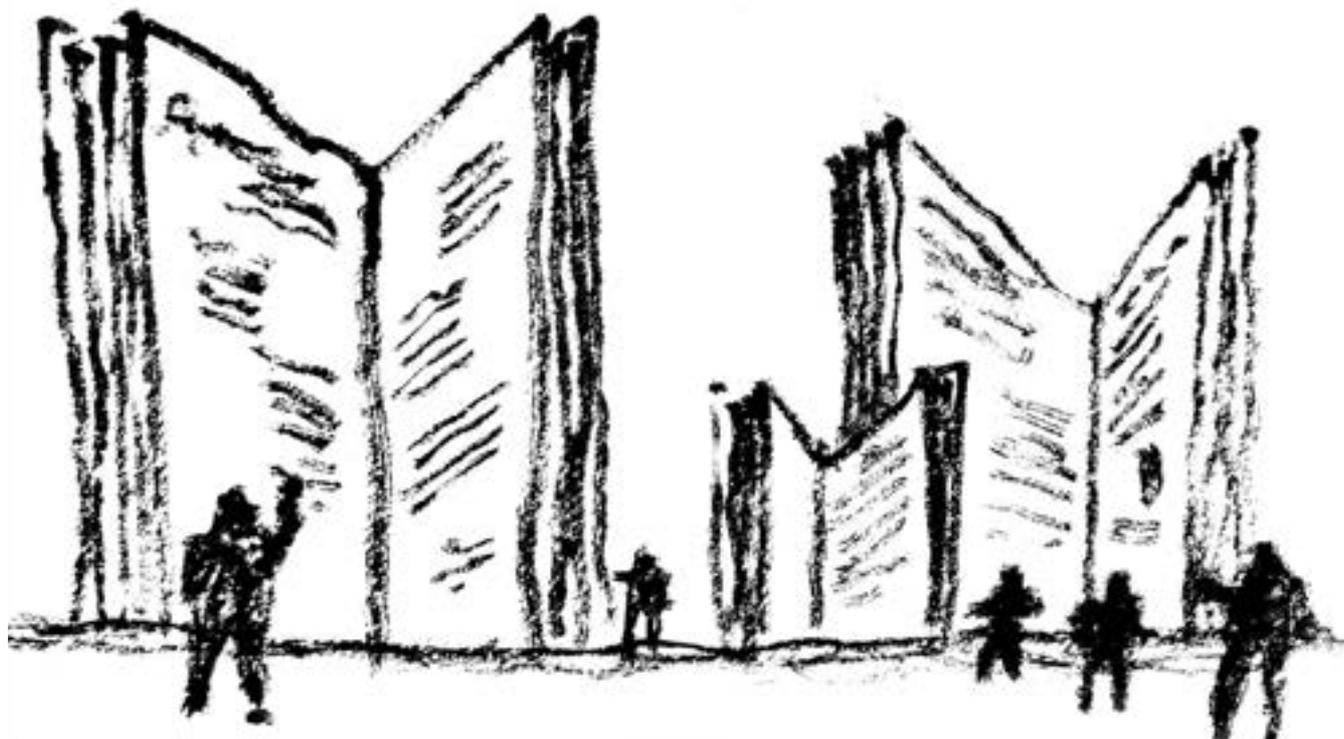
Este destino é recorrente, em seus momentos de pausa.

Ali, são frequentados espaços geralmente vazios e brancos, que, ao serem percorridos, propõem formas e caligrafias a serem exploradas.

São memoráveis os trajetos por estes lugares, mapeados com linhas e frases, cujos significados, através de longas caminhadas, vão sendo descobertos.

Frequentemente tais destinos são revisitados continuamente, a fim de serem melhor entendidos e narrados.

Tais locais ficam conhecidos, sem grandes movimentos físicos. Apenas com a mente, os olhos, e às vezes, as mãos, é possível entender e até construir esta cidade legível, denominada Literália.



---

Estes textos fazem parte do livro inédito MEMÓPLOIS para o qual o autor busca editora interessada nesta publicação.

João Diniz além de suas atividades como arquiteto em seu escritório de projetos ou como professor universitário dedica-se à escrita de livros sobre sua de arquitetura, poesia e prosa. Publicou na área da arquitetura os livros 'João Diniz Arquiteturas' (2002), 'Depoimento: Circuito Atelier' (2007), 'Steel Life: arquiteturas em aço' (2010); e na área da poesia 'Ábaco' (2011), 'Aforismos Experimentais' (2014), 'O Livro das Linhas' (2020) e 'Futurografia' (2021); além de outras edições experimentais, livros de artista ou sob demanda.

## ● CONEXÕES URBANAS

Lucas  
Pontes

**ESPLANADA,  
ESPLANDECER,  
FLORECER,  
FLOR,  
CONCRETO,  
CURVAS,  
CORPO,  
RUA,  
CAPITAL DO BRASIL,  
PLANALTO CENTRAL,  
ARTE,  
AMOR,  
MONUMENTAL,  
CATEDRAL,  
CONGRESSO NACIONAL,  
POBREZA,  
MISÉRIA,  
DESIGUALDADE,  
FANTASIA,  
TERNO,  
CORPO NU, VULNERÁVEL,  
TERMINAL,  
NACIONAL,  
BRAZIL E BRASIL,  
SAUDADE,  
FOTOGRAFIA.  
CANDANGO COMO SOU,  
BRASILEIRO COM AMOR...**

Fotografia por Lucas Pontes

## ● OLHARES



Mariana  
Almada

## NAVEGAR É PRECISO: FILOSOFIA UBUNTU PRESENTE!

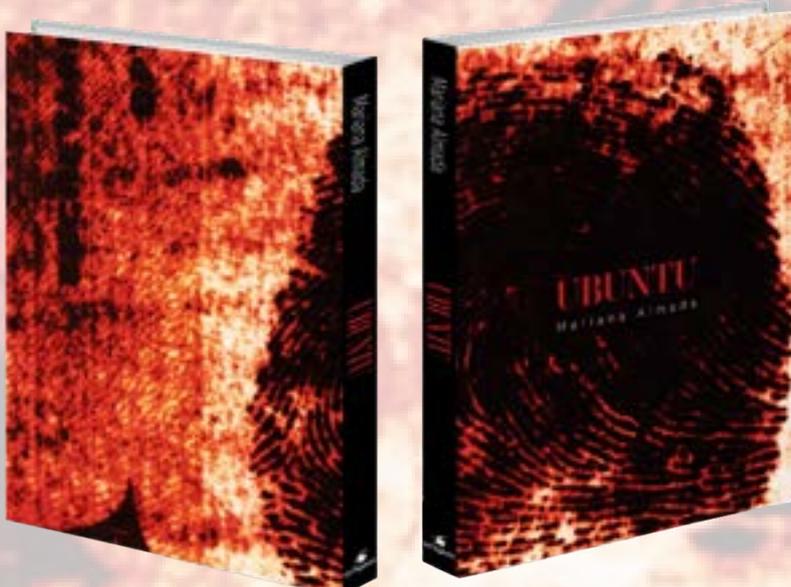
Fotografia por Mariana Almada

Conhecer a história dos nossos antepassados ou mesmo fazer a árvore genealógica é entrar num mar de possibilidades existenciais. Uma questão pessoal muitas vezes não resolvida, o que nos afeta profundamente, pode estar nas entrelinhas da sua própria história. Pai, mãe, avós, tetravós, decavós foram pessoas que hoje fazem parte subjetivamente das suas ações ou mesmo parte do ser que você foi constituído/constituída. Navegar no sentido de precisão como nos diria Fernando Pessoa é a chave para muitas descobertas.

“Ubuntu”, é um trabalho autobiográfico que nasce dessa ideia: “Eu sou porque nós somos”. Foram 2 anos de construção e reflexão em meio a longas conversas com o editor Valdemir Cunha. Inicialmente o projeto era fazer uma narrativa fotográfica das minhas raízes negras, intitulei “Chão”, em meio às buscas de arquivo veio outra necessidade devido a uma crise de identidade, surgiu um outro título, “ID entidade”.

Diz o fotógrafo Eder Chiodetto que, “refletindo acerca da ancestralidade marcada por muitas cicatrizes dos povos africanos escravizados, Mariana realiza uma espécie de arqueologia, por meio de seu incisivo gesto fotográfico experimental, a partir do qual faz surgir uma miríade de símbolos”. Nesse sentido, por que não “Ubuntu”? Assim se fez. Logo Caiubi, traz o enfoque de pertencimento, “porque atras da carne batiam as noites que cantavam os pretos a umbanda de meu vô. Mas ir para onde oh, meu Deus? Se para traz está meu luto e pela frente eu que luto?”

Esse é um trabalho de fotografia expandida, que foge à regra de que toda fotografia finaliza sua essência na revelação ou impressão em si, ao contrário, por meio do trabalho plástico, ela possibilita outras interpretações para além da imagem. Entre as cores fortes, vermelhas e arranhões que se apresentam como palavras e sentimentos, a história, os lamentos e a força. É um conjunto de construções, reconstruções e de desconstruções de imagens e identidades.



As imagens que seguem são parte desse fotolivro, da concepção à idealização. São as fotos dos meus ancestrais e entrar nesse campo é olhar para as identidades negras e ao mesmo tempo descobrir **quem fui, quem que sou... porque nós somos.** E que possamos, na mesma trilha do “UBUNTU”, **olhar com honra para nossa ancestralidade!!!**











---

#### Notas da editora:

1. O belíssimo trabalho de Mariana Almada leva-nos a percepção, muito bem descrita, por Éder Chiodetto, que em trecho do prefácio de UBUNTU, no diz: “Somos a soma, a sombra e a chama. Corpo-carcaça, entreposto da ancestralidade, a invocar alteridade, elegia, reparo, prazeres indômitos. Banzo compulsório a ativar e amplificar gargalhadas ilimitadas (...) de um olhar especular que visa criar uma vertigem temporal no objeto de pesquisa e de reflexão profunda de Mariana Almada a respeito do seu lugar no mundo como mulher negra, educadora, psicanalista, mãe e fotógrafa.”
2. Sugerimos que conheçam mais sobre os belíssimos trabalhos de Mariana Almada, e deleitem-se com tanta profundidade e beleza, pelos links que seguem:  
<http://www.olhares.com/MarianaAlmada>  
<http://www.flickr.com/photos/116894713@N07/>  
<http://marianaalmada-janelasdaalma.blogspot.com>  
<http://www.fotografodigital.com.br/trabalho-usuario/recentes-23739-1/>



 Compre o livro pelo QRCode



● **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**  
NOSSA CULTURA



Juliana  
Rampim

**A INDIVISIBILIDADE DO PATRIMÔNIO:  
PERSPECTIVAS A PARTIR DA ALIMENTAÇÃO**



Ilustração: A. Quaglia

**P**ara *Michel de Certeau*, o comer não serve apenas para manter o funcionamento do corpo, e sim para conectar um modo específico - dentre vários existentes - entre uma pessoa e o mundo, concretizando, então, um marco no espaço e no tempo (CERTEAU, 1998, p. 183). O historiador analisa, no segundo volume de *A invenção do cotidiano*, as falas de Gabriel, um senhor que se encontra em um asilo, destinado, nas palavras de *Certeau*, “ao anonimato da morte” (Ibidem, p.188). As únicas memórias que parecem ocorrer ao idoso estão relacionadas a momentos relacionados à comida, preparada ou por sua mãe ou por sua avó. As descrições são bastante precisas, Gabriel afirma que a avó preparava, todos os domingos, omeletes, presunto, salada, manteiga e porco. O autor conclui, a partir desses momentos, que o compartilhamento dessas memórias foi o único modo encontrado pelo solitário senhor de “repetir a doçura do passado e a ternura de rostos bem conhecidos” (Ibidem, p.189).

As relações pessoais, – que envolvem a memória e a dimensão sensível – dos frequentadores e feirantes das duas feiras aqui analisadas, com o comer demarcam os porquês de sua categorização como patrimônio. Sob essa ótica, os espaços que comportam as práticas sociais são tão importantes quanto as mesmas. É preciso, então, debater a indissociabilidade dos patrimônios chamados de material (os espaços, edificações, lugares) e imaterial (as práticas, os saberes, os ofícios, os modos de fazer).

*Pierre Nora* afirma que o conceito de patrimônio se transformou nas últimas décadas. Foi de vinculado à nação ao patrimônio de caráter simbólico e identitário, de herdado a reivindicado, de visível a invisível, de

material a imaterial, de estatal a social, étnico e comunitário. Esse então, passa agora, a englobar as noções de cultura, identidade e memória (NORA, 1984, pp. 6-34). Portanto, é cada vez maior o retorno aos atores sociais quando se fala em patrimônio cultural.

A ideia de ampliar a noção de proteção e preservação dos bens culturais para além dos chamados bens de pedra e cal e valorizar os bens simbólicos dos grupos formadores da sociedade brasileira está presente em vários escritos de Mário de Andrade já na década de 1930:

Se, por acaso, a reflexão e a conseqüente ação sobre o patrimônio imaterial do Brasil tivesse um santo padroeiro seria Mário de Andrade. Escritor, musicólogo e polemista de ótima cepa, ele foi um dos cérebros da Semana de Arte Moderna de 1922 e um dos mais importantes nomes da cultura brasileira do século passado. Já nos anos 20 e 30, enveredava pelos mais distintos rincões do país em busca de registros culturais que marcasse o jeito de ser, de agir e de se comportar do povo brasileiro. (IPHAN, 2006)

Está em Mário de Andrade, portanto, o início da reflexão sobre o patrimônio cultural imaterial no Brasil. Em 1936, em proposta entregue ao então ministro da Educação Gustavo Capanema para a criação do Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, afirmava com convicção que o patrimônio cultural da nação compreendia muitos outros bens além de monumentos e obras de artes. (Ibidem)

---

Mário de Andrade foi precursor da defesa da ampliação do conceito de patrimônio cultural no Brasil. Depois dele, nos anos de 1950, seus sucessores se mobilizaram em torno da Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, criada em 1947. Esse movimento originou o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, hoje incorporado ao Iphan. Nas décadas de 1970 e 1980, o assunto volta com força graças às experiências desenvolvidas no Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC) e na Fundação Nacional Pró Memória (FNPM), sob a liderança de Aloisio Magalhães, outro nome fundamental na luta pela ampliação do conceito de patrimônio cultural.

Essas ações contribuíram para sensibilizar o Congresso Nacional a incluir o assunto na Constituição Federal de 1988 que estabeleceu o artigo 216 da Constituição Federal de 1988(1):

Art. 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individual ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Em novembro de 1997, as orientações contidas na Constituição Federal de 1988 resultaram em uma ação mais concreta: o Seminário de Fortaleza, promovido pelo Iphan para discutir estratégias e formas de proteção ao patrimônio imaterial. O seminário produziu a Carta de Fortaleza onde está a recomendação para a criação de um instrumento legal, instituindo o Registro como modo de preservação de bens culturais de natureza imaterial (IPHAN, 2006). A regulamentação da política de patrimônio imaterial ocorreu na edição do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000 que institui o Registro

o de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

O sítio oficial do Iphan divide as definições de patrimônio cultural em imaterial e material. Sobre o primeiro, afirma:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define como patrimônio imaterial 'as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural' Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

Para atender às determinações legais e criar instrumentos adequados ao reconhecimento e à preservação desses bens imateriais, o Iphan coordenou os estudos que resultaram na edição do Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 - que

---

instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) - e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR).

Em 2004, uma política de salvaguarda mais estruturada e sistemática começou a ser implementada pelo Iphan a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI). Em 2010 foi instituído pelo Decreto nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010 o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), utilizado para reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira(2).

E sobre patrimônio material, lê-se:

O patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

A relação de patrimônios materiais tombados pelo Iphan podem ser acessados por meio do Arquivo Noronha Santos ou pelo Arquivo Central do Iphan, que é o setor responsável pela abertura, guarda e acesso aos processos de tombamento, de entorno e de saída de obras de artes do País. O Arquivo também emite certidões para efeito de prova e faz a inscrição dos bens nos Livros do Tombo(3).

A divisão é pensada, possivelmente, porque o órgão é responsável pelas políticas públicas de preservação do patrimônio cultural brasileiro. É compreensível que para melhor direcionar recursos e equipe técnica talvez a divisão seja estratégica. Contudo, observa-se nos últimos anos significativa crítica da sociedade civil em locais onde ocorreram processos de tombamento(4) por, talvez, neles não considerarem de modo significativo os atores sociais. Não é propósito desta dissertação analisar os tombamentos do Iphan, todavia, quando me proponho a firmar a indissociabilidade dos patrimônios material e imaterial, é necessário que este assunto seja elucidado.

A divisão conceitual é problemática precisamente porque não considera discussões recentes e bastante significativas a respeito da construção do espaço como lugar de memória e lócus de práticas sociais. É consideravelmente complexa a relação de um local, ou edifício, a ser tombado com as práticas que nele, ou em seu entorno, acontecem. Antes de seu valor histórico e arquitetônico, esse é, ainda, um espaço no qual a sociedade continua a existir, interagir – viver. Para Meneses, todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, ao passo que também todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material, na qual possa se realizar (MENESES, 2012, p.31).

---

Apesar das críticas aos processos de tombamento realizados pelo Iphan, é necessário destacar o do centro histórico da cidade de Iguape, no estado de São Paulo, realizado entre 2007 e 2009. Flávia Brito do Nascimento e Simone Scifoni o relatam no artigo O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de preservação. As autoras, à época técnicas da superintendência do Iphan de São Paulo, portanto, participaram ativamente do processo. Elas descrevem detalhadamente a busca por novos parâmetros de atuação nas políticas de preservação ao patrimônio nacional a partir do caso de Iguape.

Por meio de várias metodologias, sobretudo da área de educação patrimonial do Iphan, houve intensa participação dos moradores durante os dois anos do processo de tombamento. Foram mapeados os lugares significativos para a população, que em conjunto com a prefeitura local e os técnicos do Iphan, delimitaram o perímetro do tombamento e das futuras medidas de preservação. Foram tombados diversos lugares, edifícios e paisagens naturais que provavelmente não o seriam em um tombamento sem participação dos atores sociais. As autoras afirmam que:

Por todos os argumentos explicitados neste artigo, especialmente pela opção deliberada na busca de aproximação e diálogo local, o tombamento de Iguape tornou-se, no decorrer dos anos, uma experiência reconhecida pela própria instituição como uma nova maneira de pensar e agir em patrimônio. O parecer final do conselheiro relator registra este reconhecimento, ao destacar a 'qualidade do conjunto de estudos cuidadosamente preparados', em 4 volumes e mais de 1850 páginas de documentação. A metodologia envolvida da elaboração do dossiê de Iguape deixa como reflexão a necessidade de políticas de patrimônio mais democráticas, abertas à participação social, como condição essencial não para o seu sucesso, mas fundamentalmente para garantir o direito dos sujeitos do patrimônio de não serem apartados de sua memória coletiva. (NASCIMENTO; SCIFONI, 2015, p.13)

Portanto, mesmo quando se fala de políticas públicas institucionais, é bastante notável que a divisão conceitual entre material e imaterial é problemática, uma vez que pode gerar políticas de preservação que não satisfazem a comunidade que vive em meio ao patrimônio tombado. É necessário entender estes espaços como locais onde as práticas sociais ocorrem, para além dos chamados bens de pedra e cal.

Quando a discussão engloba o patrimônio alimentar, é necessário compreender que não só o produto final – o prato pronto de comida – se configura como tal. Os modos de fazer, os lugares, as celebrações, as pessoas que o produzem, tudo pode ser caracterizado como patrimônio cultural. Aqui, nos desvinculamos da chancela do Estado e de políticas públicas de proteção, sobretudo porque sua significação está, por vezes, atrelada a comunidades maiores ou menores, bem como a limites geográficos e sociais.

Para compreender a ligação das práticas sociais com o espaço, recorro à definição de Milton Santos:

(...) (o espaço é) algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

---

A dinamicidade referida por Santos marca as transformações e os movimentos presentes no espaço. Por sua vez, os sistemas de objetos e ações são compostos pelos produtos finais das ações humanas. A relação do espaço com o tempo modifica o modo como ambos operam, sobretudo quando novos objetos e ações ocorrem, ou antigos se transformam. O geógrafo destaca que:

(...) o espaço global seria formado de redes desiguais que, emaranhadas em diferentes escalas e níveis, se sobrepõem e são prolongadas por outras. (...) o todo constituiria o espaço banal, isto é, o espaço de todos os homens, de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações – numa palavra, o espaço geográfico. (Ibidem, p. 50).

Ou seja, o espaço geográfico é constituído pelo espaço que é de todos, que não considera, necessariamente, as relações de poder e os diferentes atores que nele disputam forças. Já o espaço global é composto por todas as redes de ação, todos os atores, e o modo como estes se comportam. Ao considerar o espaço geográfico como suporte de práticas sociais, é importante frisar que ele também é transformado pelo passado, e carrega, então, seus testemunhos e suas marcas. A partir deste olhar, evidencia-se a relação das práticas sociais com o espaço físico no qual se realiza. Ao considerar as duas feiras em análise, é importante frisar que a transformação de seus espaços está atrelada às transformações sofridas pelas práticas sociais e, sob a ótica desta pesquisa, especificamente as alimentares. E vice-versa. Foram necessárias mudanças nos modos de fazer, vender e consumir determinados produtos conforme os espaços físicos sofreram transformações. O conjunto do espaço e das práticas sociais constituem os lugares de memória, conforme Nora:

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. A noção é feita para englobar ao mesmo tempo os objetos físicos e os simbólicos sobre a base de que possuam “qualquer coisa” em comum. Esta qualquer coisa é que o faz ser o caso. É espontânea e faz mais ou menos sentido para todos. (...) O que importa para ele (o historiador) não é a identificação do lugar, mas o desdobramento de que este lugar é a memória. Considerar um monumento como um lugar de memória não é simplesmente fazer a sua história. Lugar de memória, portanto: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. (NORA, 1984, p.30)

Também sobre o lugar de memória, Simone Scifoni afirma:

O lugar de memória ao se definir pela experiência e pelo vivido no tempo revela-se articulando memória individual e coletiva, mas também a memória voluntária e involuntária. Proust (1991), autor que distinguia essas duas categorias de memória, definia memória voluntária como aquela que surge com o dever de lembrar, ela é construída, celebrada, rememorada, é a memória da inteligência e dos olhos. Para ele, a memória involuntária, ao contrário, revela mais de nós mesmos, ela evoca um passado escondido e fora do alcance, que surge sem querer, a partir de um estímulo de cor, luz, som, odor ou, ainda, de gosto, como o do bolo embebido no chá, que fez Proust lembrar da casa de campo de seus avós, na infância. Ela se situa a meio caminho entre memória e esquecimento, diz o autor, ela nos faz provar daquela mesma sensação do passado, mas em uma circunstância nova. (SCIFONI, 2013, pp. 4-5)

---

É possível por vezes constatar que algumas pessoas relacionam o entendimento, e para o senso comum, o “direito”, de um alimento ser reconhecido patrimônio à tipicidade aparente, ou mesmo apenas quando esse é reconhecido com a chancela do Estado, tal como o ofício das baianas do acarajé, registrado no Livro dos Saberes e reconhecido pelo Iphan como patrimônio cultural brasileiro em dezembro de 2004. O reconhecimento oficial é necessário para que políticas públicas de preservação aconteçam, para que haja a justificativa das mesmas. Todavia, os patrimônios alimentares podem não ter alcance nacional, e sim comunitário, regional, estadual, etc.

Conforme afirma Fonseca, o patrimônio é tudo que as pessoas valorizam, criam e buscam preservar, tudo que é produzido manualmente, as ideias, as fantasias (FONSECA, 2005, p.21). Há, portanto, um universo vasto nessa definição. Tomando-a por base, as práticas alimentares podem ser consideradas patrimônio dada a importância que possuem para os sujeitos e por serem frutos da memória coletiva, embora muitas das comidas brasileiras não estejam oficialmente descritas nos livros dos registros dos fazeres e dos saberes em nível local e nacional.

Cabe salientar que as representações das identidades culturais forjadas nos lugares de memória culminam no universo de seus patrimônios. Os processos de rememoração das experiências vividas dos sujeitos permitem, a partir de conversas, por exemplo, construir os fragmentos componentes da dimensão sensível, por meio da qual é possível compreender o que, das práticas alimentares que ali ocorrem, forma o patrimônio cultural local, indivisível como material e imaterial, para quem mais o representa: aqueles que o vivem cotidianamente.

---

Nota:

1. Para aprofundamento sobre a política de patrimônio imaterial ver IPHAN, 2006.
2. Patrimônio Imaterial, 2014. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em 28/05/2018.
3. Patrimônio Material, 2014. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em 28/05/2018.
4. Tombamento é o termo utilizado pelo Iphan para o patrimônio de natureza material. Ao se tratar do patrimônio de natureza imaterial, fala-se em registro.
5. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em 28/05/2018.) (Patrimônio Material, 2014. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em 28/05/2018). Tombamento é o termo utilizado pelo Iphan para o patrimônio de natureza material. Ao se tratar do patrimônio de natureza imaterial, fala-se em registro.

Bibliografia:

- CERTEAU, Michel de. *The practice of everyday life*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- IPHAN. *Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois – a trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil*. Brasília. 2006.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do. SCIFONI, Simone. *O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de preservação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- NORRA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In. *Projeto História: revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981: p. 7-28.
- \_\_\_\_\_. *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SCIFONI, Simone. *Lugares de memória operária na metrópole paulista*. GEOUSP – espaço e tempo. São Paulo, n. 33, pp. 99-110, 2013.





Carlos  
Eduardo  
Garcez

## ● O NOBRE CAFÉ COM A PALARA, O BARISTA

### UM MINI GUIA SOBRE CAFÉS ESPECIAIS E OS MÉTODOS DE EXTRAÇÃO

**C**afés especiais são dotados de qualidade e sabor únicos, diferentes dos cafés tradicionais que são apresentados no mercado. Embora o café expresso seja muitas vezes a primeira coisa que vem à mente quando se pensa em cafeterias, o café coado, reinventado com o surgimento dos cafés especiais, também ganhou destaque entre os aficionados pela bebida. Ao pensar em uma xícara de café, especialmente aquela feita em casa, frequentemente imaginamos um café fresco e recém coado.

Neste artigo, eu gostaria de apresentar alguns dos métodos de extração que empregamos em nossa cafeteria e como eles influenciam na extração de um café de alta qualidade.

#### A PAIXÃO GLOBAL PELO CAFÉ

A crescente valorização do café filtrado entre os amantes da bebida levou as cafeterias a oferecer métodos de preparo e extração de café que vão além do simples coador. Existem uma série de métodos de filtragem modernos que destacam a qualidade dos grãos, possibilitando uma filtragem de nível profissional e garantindo uma xícara de café excepcional. As cafeterias de cafés especiais ofereciam uma grande variedade de métodos de extração para atrair esses clientes, mas, com o tempo, percebeu-se que muitos clientes se sentiam confusos e viam pouca diferença entre tantas opções. Como resultado, estas cafeterias passaram a focar nos métodos de extração mais populares entre seus clientes, e seus baristas se especializaram em extrair o melhor café por meio desses métodos. A seguir, apresento os principais métodos que empregamos na cafeteria.

Bric-à-brac : A.Quaglia



## HARIO V60

Nascido no Japão, o *Hario V60* é um de nossos favoritos. Este método tem sido um dos principais responsáveis pela "ressurreição" do café filtrado. Sua técnica é simples. Este coador, feito de cerâmica ou vidro, ajuda a manter a água quente por mais tempo. O design interno apresenta linhas espiraladas que facilitam o fluxo da água até a xícara, resultando em uma extração mais uniforme. O resultado dessa combinação é um café limpo e sem resíduos.

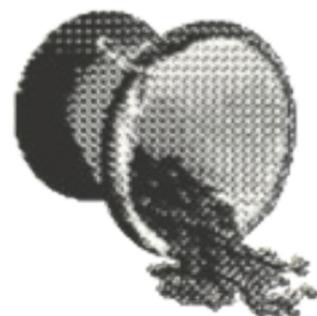


## AEROPRESS

Este método, concebido por um fabricante de brinquedos nos Estados Unidos (Alan Adler), funciona de maneira semelhante a uma seringa. O café é colocado em uma das peças, similar a um tubo, junto a um coador de papel específico, e então a água quente é adicionada. Um êmbolo é inserido na peça anterior e pressionado. O café resultante tem textura semelhante à do coado comum, mas seus sabores e aroma se assemelham ao do café espresso. Mais óleos do café são aproveitados devido à pressão exercida, e o rápido processo de extração resulta em um café sem amargor.

## PRENSA FRANCESA

O método da prensa francesa é um processo de infusão. Aqui, o café é moído de forma mais grossa para não passar pelo filtro de metal, que ajuda a manter as características oleosas e terrosas do café, produzindo uma bebida encorpada, saborosa e com algum resíduo. O café é colocado junto à água quente em um recipiente, e um êmbolo de pressão é responsável por misturar os dois e, posteriormente, separá-los.



## COADOR MELITTA

Este é o método mais conhecido e utilizado no Brasil. Criado em 1908 por Melitta Bentz, só ganhou a forma atual em 1932. Ele utiliza filtro de papel para preparar o café. Como o espaço para a saída da água após a filtração é bem pequeno, a água permanece em contato com o café por mais tempo, resultando em uma bebida mais encorpada, porém mais limpa e com menos óleos essenciais devido ao uso do filtro de papel.

## A IMPORTÂNCIA DO CAFÉ DE QUALIDADE

Também empregamos outros métodos em nossa cafeteria para extrair uma bebida deliciosa, mas esses são os mais utilizados e solicitados. Em 2022, tive a honra de participar do Campeonato Brasileiro do Método Aeropress e ser um dos representantes de Brasília na competição. Cheguei até as quartas de final, uma experiência incrível. O Aeropress é, sem dúvida, um dos meus métodos favoritos. Vale muito a pena visitar uma cafeteria e experimentar esses sabores. E, é claro, a qualidade do café é essencial para se obter uma boa bebida.



Luiza Junior

Angelina Quaglia

## ● GASTROCITIES

### DUAS MINEIRAS NA BAHIA

## MARIA LUIZA JUNIOR

## OS MOVIMENTOS DA ALMA, QUE TOCAM A VIDA!

Na edição passada convidamos os leitores para saber mais sobre o que é que a baiana tem! Nessa edição trazemos mais, como homenagem, sobre a nossa baiana mineira nº1, Luiza Junior.

O encantamento por Luiza é inevitável. Ela chega leve como são as almas boas e bem resolvidas, como o mar e suas marés, trazendo consigo algo que carrega para dar em troca, e permitir a escuta, e a amizade. Por esse motivo, escolher bem as palavras para esse artigo não foi uma tarefa fácil, pois requereu segurar o choro numa sequência de vezes, porque nos emociona falar de pessoas com a força de Luiza neste mundo. Foi único me atentar a toda uma vida que vem junto a essa encantadora amiga, nossa “mineira na Bahia” nº 1, de sorriso farto e bonito, com rosto de anjo e a força de um tornado! Essa é Luiza Junior (figura 01).

Conheci Luiza em meio a pandemia, depois que seu filho, o artista plástico e arquiteto urbanista Dr. Muha Bazila (demos aula numa disciplina da FAU/UnB), um homem igualmente sensacional, me deu de presente o telefone de sua mãe, para nos ajudar por aqui numa tarefa boa, a de filmar um documentário sobre um quilombo urbano em Minas Gerais. Pareceu-me que nos conhecíamos há algum tempo.



Figura 02: Mãe Baiana (esquerda), Maria Luiza Junior (no centro) e a ex-vice presidenta da Costa Rica Epsy Campbell (direita) - 2023  
Fotografia: Gabriela Pires (adaptação de fundo: A.Quaglia)

Luiza carrega a garra de nosso gênero, e como mulher preta, a força de seus ancestrais. Como acadêmica, certamente é um exemplo a seguir.

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), possui MBA em Comunicação nas Instituições Políticas, também da USP, sendo especializada em Comunicação e Mobilização Social, pela Universidade de Brasília, além de carregar em seu currículo a fundação de centros de estudo, organizações e lutas que somam na história e nas conquistas relacionadas ao movimento negro no Brasil.

O começo de tudo deu-se na Universidade de Brasília (UnB), entre 1974 e 1978, em pleno regime militar, no curso de Comunicação Social. Sua trajetória tem o início bem marcado, e ocorreu quando manteve-se firme as suas opiniões, mesmo após uma tentativa de silenciamento por parte de um professor, acerca de um debate sobre o Negro no Brasil, levado para dentro da sala de aula. Discutir o negro nas universidades, como disse Luiza, não era fácil, pois as questões raciais eram silenciadas, como ainda são, porém, com mais intensidade. Entretanto, sua fortaleza a fez ir sempre além, certa sobre a iminente necessidade acerca deste debate. Luiza Junior foi fundadora do Centro de Estudos Afrobrasileiros (CEAB), junto aos alunos da UnB (em 1976), e em 1981 abraçou a causa do Movimento Negro Unificado (MNU), sendo uma das fundadoras do movimento no Distrito Federal.

Passado o duro período do regime militar, lutou pelas **Diretas Já**, o mais importante movimento popular e político para a retomada do país, a partir do viés

democrático. Foi necessário, e urgente. Cabe ressaltar que Luiza Junior (figura 02) foi uma das responsáveis pela inclusão da criminalização do racismo na constituição de 1988, o que trouxe ao debate a questão do negro no Brasil, num trabalho que durou cerca de dois anos, até que conseguisse, junto ao movimento que encabeçou, inserir um dos mais importantes parágrafos da Constituição, que tratou do racismo.

É importante deixar claro que os movimentos negros no Brasil, desde antes da abolição, são uma pauta importante, com uma urgência significativa, e que moldaram o que hoje vemos como nação. A inclusão do tema racismo na Constituição de 1988, quando nos 100 anos da abolição, ainda tratou o assunto pontualmente, mesmo que pudesse tratar de forma mais efetiva. Um ganho na época, por meio de muita luta, e que, como afirma Luiza Junior, ainda com muito a ser dito, e feito.



Figura 02: Convenção Nacional do Negro e a Constituinte (1986)  
(Da esquerda para direita: Maria Luiza Júnior, Carlos Moura, Hélio Santos,  
Milton Barbosa e Januário Garcia).  
Créditos Imagem: Maria Luiza Junior, cedida por Muhamed Basila

Vinda de uma família mineira onde a matriarca, sua avó, era liderança das Congadas, sua mãe uma mulher com conselhos sábios, e seu pai, um homem igualmente politizado, e repleto de histórias importantes a contar para seus filhos, não seria diferente que a grande influência positiva sobre assuntos necessários a sociedade e ao país, afluísse logo na adolescência, e seguissem por toda a vida. Isso responde o seu engajamento político-social, sempre voltado para a justiça e os movimentos negros, não apenas no Brasil.

Dentre outros pontos na vida de Luiza, o do movimento negro tomou força, e fez com que ela se tornasse, por causa do seu senso de justiça e luta, parte de uma história viva, da qual ainda faz parte ativamente, num movimento que existe no Brasil desde antes da abolição da escravidão, como afirmou Clovis Moura (1989), sociólogo, historiador, jornalista e escritor brasileiro.

Uma das histórias contadas por ela, na entrevista concedida ao podcast +50podemais, foram as duas vezes em que incomodada com os movimentos racistas da África do Sul, chegou a entregar com o colega da UnB, Milton Barbosa, abaixo-assinados no Itamaraty solicitando que o Brasil cortasse relações com o país do Apartheid.

Sempre atenta quanto a percepção sobre a sociedade e os temas que seguiu a defender, faz parte de seu vida a compreensão dos assuntos dos tratos político-sociais, e também do encanto em ser mãe, atenta e firme, disposta a passar adiante a sabedoria que adquiriu, bem como a que recebeu.

Outro documento importante, assinado sobre a sua batuta como coordenadora Geral da Convenção “O Negro e a Constituinte”, refletiu “os anseios da comunidade negra do país, manifestados nos encontros regionais ocorridos em várias unidades federativas”, e confirmou a legitimidade do movimento lembrando que “descendentes dos africanos que foram violentados e despojados de seus direitos inalienáveis, os negros continuam na alvitante condição de marginalizados sociais, discriminados e majoritariamente alijados no processo de evolução cultural” (SANTOS, 2015). Este documento ajudou a forjar nossa Constituição de 1988.

Seriam necessárias muitas páginas para contar o que aprendi com Luiza, para falar do orgulho do filho sobre ela (lê-se filhos, certamente), para trazer tudo que essa mulher maravilhosa fez por nosso país, e para torná-lo um local melhor, sem racismo, onde enxergar o outro é necessário. Eu certamente precisaria de uma revista inteira para fazer com que tudo que trouxe para nós todos, estivesse aqui escrito sem erros de datas, de fatos, e de outras tantas falas que sei, seriam dela e nos tirariam o fôlego, como é sempre quando ela começa a falar, com sua voz firme como onda que bate na pedra, como trovão que anuncia a tempestade, como são as vozes de lideranças como ela.

---

Sua história está gravada em nossa memória brasileira, tendo feito parte de um dos pontos de debate mais sensíveis em nossa nação, o racismo. Segundo a advogada e pesquisadora Natalia Neris da Silva Santos (2018), o ponto é que “(...) como o Estado brasileiro sempre teve um discurso de que aqui não existia racismo, ou problemas relacionados à desigualdade, dizer na Constituição que o racismo é crime é assumir que existe racismo no Brasil”, com uma afirmativa que precisa ecoar e ser ouvida.

Há muito a falar sobre Luiza Junior, essa mulher forte, politicamente engajada, comunicadora, documentarista e cineasta, amiga forte, mãe e avó orgulhosa de uma linda família, onde todos são extraordinários. Certamente foi seu exemplo que forjou cada menino, e que fará diferença para cada neto e neta, amigos, amigas, e pessoas que cruzarem seu caminho. E sorte a minha em ter na minha história Luiza Junior, para enriquecer meu caminho, e alegrar com sua sabedoria a minha vida!

Convido-os a assistirem o podcast **+50PODEMAIS**, episódio 2, onde Luiza Junior foi entrevistada. Aproveitem, curtam e compartilhem, e leiam mais do que vem por aí, nesta coluna.



Maria Luiza Junior (no centro) e família.  
The Mother of The House Bazila!  
Fotografia: @cicerobezerrapereirajunior  
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CdeFOI4v2CO/>

---

## Bibliografia

SANTOS, Natália Neris da Silva. **A voz e a palavra do movimento negro na Constituinte de 1988**. Editora Letramento. Rio de Janeiro. 2018.

NERIS, Natalia. **A voz e a palavra do movimento negro na Assembleia Nacional Constituinte (1987/1988): um estudo das demandas por direitos**. FGV, 2015.

Disponível em <https://repositorio.fgv.br/items/21400564-fb42-4925-a6b4-a44812932526>.



Francisco  
Isidoro  
Pessoa Neto

## ● TURISMO

Um olhar atento

### OLHAR TURÍSTICO SOBRE O QUADRADINHO

Por que será que a maioria de nós só visita o Eixo Monumental quando recebemos algum amigo ou parente de fora de Brasília? Será que durante o dia a dia os pontos turísticos da nossa cidade tornam-se ultrapassados ou desinteressantes? Ou será que apenas não conhecemos a oferta turística da Capital?

Essa matéria é um chamado para que você venha conhecer um pouco mais sobre os pontos turísticos ofertados, em Brasília! Não aquela cidade que você já conheceu uma ou duas vezes nos passeios da escola, mas uma capital onde mergulhamos em sua história, na arquitetura e na arte.

É certo que Brasília é uma cidade que possibilita a visita à uma série de atrativos turísticos, seja por meio do transporte particular ou transporte público, o que é uma vantagem, além de contar com a facilidade em possuir um metrô que liga as duas Regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal, até a rodoviária de Brasília, num ponto central. As cidades são a Ceilândia, oficialmente criada em março de 1971, casa do Rap e do hip-hop, e a Samambaia, criada ao final da década de 80. Porém, atenção, nos domingos o horário do metrô é reduzido.

O que proponho nessa matéria é que você olhe para a cidade

com o olhar de turista, dispondo-se a conhecê-la de novo, procurando observar mais, e se aprofundar naquilo que apenas acreditamos que conhecemos. Mas como? Uma boa forma de começar é entender o nosso território, sendo este um dos sítios urbanos com maior área tombada no Brasil (e no mundo), pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou (IPHAN), e reconhecido pela UNESCO, onde foi inscrita como Patrimônio da Humanidade.

A cidade projetada por Lucio Costa, define-se a partir das quatro escalas que a compõe: (1) **Monumental**, onde constrói-se a formação de um sentido sobre a capital, do qual pretende-se permitir a compreensão de sua monumentalidade, representando o Brasil em sua grandeza; (2) **Gregária**, onde acontece o centro urbano; (3) **Residencial**, o conceito de residência, disposto nas Asas Sul e Norte; e (4) **Bucólica**, toda a paisagem proposta, nos espaços vazios de construção. Cada escala em Brasília, permite conhecer o projeto pensado por Lucio Costa, e oferta diferentes atrativos turísticos (Quaglia, 2023).

Para conhecer um pouco mais sobre Brasília, neste primeiro artigo, eu sugiro alguns pontos que em particular gosto, nas escalas diferentes da cidade, que podem ser acessados por transporte público.



"Cidade dos encontros".  
Francisco Isidoro Pessoa Neto - kiko, 2022  
70cm x 50cm, acrílico sob tela.



Museu Vivo da Memória Candanga  
Fotografia: cultura.df.gov.br

O Museu Vivo da Memória Candanga (primeira sugestão), está localizado no Núcleo Bandeirante, um dos primeiros locais ocupados pelos candangos, nome dado aos operários que construíram Brasília. O local foi o antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), até o ano de 1974. Nele podem ser observados itens importantes para a compreensão da cidade, como por exemplo uma maquete de Brasília, e um acervo que permite o contato dos visitantes com o estilo de vida do começo da construção da Capital, permitindo a percepção do processo de construção da cidade, pelas mãos dos candangos (operários de obra).

O segundo ponto que recomendo, a fim de permitir aos “novos turistas” a compreensão da dimensão do território de Brasília, é a Torre de TV. De fácil acesso por meio de transporte público ou privado, permite a visão monumental da cidade. No local encontra-se um totem próximo a base da torre, onde podem ser observados dois mapas, um que mostra o Distrito Federal, e outro, Brasília, onde estão destacados os pontos importantes dentro do sítio tombado. Além disso, ao subir na Torre, pensada por Lucio Costa como marco visual de Brasília (Quaglia, 2023), é possível ver parte da cidade de cima, em especial o Eixo Monumental (escala Monumental), e toda a beleza do projeto, até onde a vista toca, inclusive, o Lago Paranoá.

A escala monumental em Brasília é marcante, quase como se a cidade fosse desenhada sobre um parque, destinado apenas para os edifícios e monumentos que nos representam como nação, todos eles reconhecidos mundialmente. Nesta escala é possível visitar alguns dos mais exuberantes representantes da história da cidade e de sua arquitetura única, dentre eles a Praça dos 3 Poderes, que compõe o projeto urbanístico de Lucio Costa, o Palácio do Itamaraty, a Catedral Metropolitana de Brasília, o Museu Nacional da República (MuN) e o Teatro Nacional Claudio Santoro (fechado faz alguns anos). Também é possível a visita ao Congresso Nacional, que ocorre a cada hora. Cabe ressaltar que os edifícios aqui citados foram projetados por Oscar Niemeyer, um dos mais importantes arquitetos do mundo. Para estes sugiro não só a visita, mas também, a contemplação, pois além de comporem a história, estes monumentos devem ser encarados como verdadeiras obras de arte arquitetônicas.

Na Escala Gregária, também observada do alto da Torre de TV, pode ser visto o Centro de Brasília, composto pelos Setores Comercial e de Diversões; Setor Hoteleiro; e Setor Bancário. Todos em Sul e Norte. E para quem gosta de arte, uma boa opção é o Museu dos Correios, que agrega diferentes exposições, além do seu acervo próprio, e oferta de algumas publicações dispostas no local. Outra boa opção aos amantes de arquitetura e da arte vem ser o Conjunto Cultural da Caixa, no Setor Bancário Sul, onde ocorrem exposições gratuitas, e eventos culturais por bons preços. O Edifício da Caixa Econômica Federal, projetado pelos arquitetos Paulo Mourão, J.A Tiedemann e Ney F. Gonçalves, possui vitrais representando os diferentes estados brasileiros (obra de Bandeira de Melo), numa experiência mais introspectiva.



Torre de TV  
Fotografia: Paulo Mamede

Sobre a escala Residencial destaca-se a Quadra Modelo, localizada na Asa Sul, e composta pelas Superquadras 108-308/107-307 e demais espaços de comércio e áreas verdes, onde o estilo de vida pensado por Lucio Costa para Brasília pode ser facilmente compreendido. É assim definida por conter todos os equipamentos pensados para uma quadra, como o Clube de vizinhança, a oferta cultural próxima, como o Cine Brasília (uma atração a parte), a Igreja Nossa Senhora de Fátima, com azulejos de Athos Bulcão, um escola Classe e paisagismo de Burle Marx (na quadra 308).

Por fim, toda a vegetação em Brasília é parte da escala Bucólica, composta pelos espaços verdes, e é importante dizer que possuímos o maior parque urbano do Mundo, nosso Parque da Cidade, com diversas atrações como o parque Ana Lúcia, um pequeno parque de diversões, pistas de corrida e bicicleta, e muitas áreas verdes, além de um lago que completa o lugar.

Fora de Brasília, ainda no Distrito Federal, é possível visitar vários outros locais, sejam monumentos ou edifícios, como é o caso da Casa do Cantador, na Ceilândia, e a Praça do Relógio, em Taguatinga, dentre outros tantos que seriam interessantes para conhecer, como bom turista. Lembra que o metrô chega até esses lugares? Aproveite!

Uma dica é seguir sempre as ações da Secretaria de Turismo do Distrito Federal (SETUR/DF), como, por exemplo, os guias de Brasília e as rotas propostas. Para os mais curiosos, antes de sair de casa, sugiro o **Brasília Tour Virtual**, que pode ser visto pelo QRCode ou texto ao lado.



SUPERUADRA  
Fotografia: Gabriel Fernandes



**Brasília Tour Virtual**



Seguem dois cursos para os que desejam se aprofundar sobre o tema.

A sugestões é da direção da Revista 15.47, com o apoio da equipe Paraboloides. Incubadora de Ideias e do escritor desta matéria. O intuito é participar da visita técnica sobre Brasília e demais regiões do DF, conhecendo mais nossa capital e entorno:

 **WORKSHOP ESCALAS DE BRASÍLIA**



50%  
menos nesses  
cursos até  
31 de Março

 **CURSO PATRIMÔNIO BRASÍLIA**



A PARABOLOIDE em parceria com especialistas, mestres e doutores em história, artes, arquitetura e urbanismo, turismo, economia, dentre outros, oferece os cursos: (i) ESCALAS DE BRASÍLIA, com duração de dois dias; e (ii) BRASÍLIA PATRIMÔNIO, com duração de dois dias, e uma noite. Ambos são ministrados em modo presencial, com visitas técnicas.



## ● FILOSOFANDO



Eduardo  
Oyakawa

## DOSTOIÉVSKI E O AFFECTUS RELIGIOSO

**N**esta sessão, abordaremos os aspectos gerais do affectus religioso para, em seguida, irmos à especificidade da ortodoxia mística e, então, analisarmos os textos propriamente ditos.

O universo literário engendrado pelo talento de *Fiódor Mikaháilovitch Dostoiévski* (1821-1881) pode ser compreendido nas mais diversas disciplinas do saber acadêmico – da Sociologia da Cultura à Psicanálise, da crítica estruturalista à história das ideias. Entretanto, nesta reflexão sobre o sofrimento nos propomos a desvelar o intrincado arcabouço psicossocial de suas personagens sob o escrutínio da Filosofia da Religião.

Autores como *Chestov*, *Berdiaev*, *Evdokimov*, *Frank*, *Ivanov*, *Catteau*, *Eltchaninoff*, *Pondé* já buscaram fazer o estudo místico-ortodoxo da obra *dostoiévskiana*. A nossa hermenêutica, porém, pretende não apenas acompanhar os “clássicos”, mas sugerir, ainda, outra senda analítica. A nossa hipótese de pesquisa baseia-se na perscrutação do “amor sobrenaturalizado” na obra *dostoiévskiana* e no decadentismo (moral e político) advindo da conhecida frase de *Ivan Karamázov*, proferida em *Crime e Castigo*: “se a alma é mortal e Deus não existe, tudo é permitido”.

Nesse diapasão, podemos afirmar que o homem, deambulando em estado de natureza e, portanto, acreditando em sua autossuficiência, dessacraliza-se (*désarroi*) e submete-se às contingências e aporias da existência sem possibilidade de redenção. Com efeito, logramos encontrar nas personagens *dostoiévskianas* um alibi para a dor existencial – exasperada e onipresente – quando a criatura “dessubjetiva-se” e liberta-se das amarras de si mesmo, vivendo a liberdade, sob a égide do amor(1).

Deixemos claro: não se trata do amor visto como o sentimentalismo piegas incensado por nossa cultura hedonista, mas aquele outro, no qual a racionalidade encontra sua potência máxima quando subsumida pela *caritas*, ou seja, quando o *amor sobrenaturalizado* – aquele no qual nos sacrificamos a nós mesmos para fazer prevalecer e vicejar a vida de outrem – infunde-se na capacidade noética do ser humano, transformando-a substancialmente(2).

Mas, se o homem deve amar para ser livre e se a liberdade só pode ser crível quando perscruta a nossa condição mortal e dependente de forças nunca inteiramente controladas; enfim, se o amor é necessariamente autossacrifício e doação, qual é a sua sonoridade, seu ponto axial na obra *dostoiévskiana*?

Como o escritor que descreveu as paixões humanas mais sórdidas, que desceu aos abismos do mundo para caracterizar melhor a vilania e a crueldade e que apontou as contradições mais candentes do homem em sociedade pôde transformar-se – como raros na história da literatura – em porta voz desta *caritas*?

Observemos que o amor cristão (em sua vertente ortodoxa, como veremos adiante) ganha, na caracterização das personagens empreendidas pelo autor russo, dimensões morais e psicológicas “heteronímicas”, ou seja,

---

metamorfoseiam-se em outras criaturas – agora dotadas de uma luz tabórica – indo, portanto, além do simples cumprimento formal das virtudes teológicas e dos bons costumes normativos.

Tenhamos em vista o célebre aforismo da ortodoxia, que serve como epítome da *caritas dostoiievskiana*: “um Deus que não nos pede o impossível, não pode ser chamado Deus”(3).

Os indivíduos transformados pelo *affectus divino* passam a ser vistos como criaturas estranhas e incapazes de apascentarem-se à lida cotidiana; são improdutivas em termos econômicos; numa palavra, vivem como inadaptadas à sociedade, que as reduz à condição de desajustadas e, portanto, as tornam alvos privilegiados da crueldade humana em todas as suas ricas e variadas matizes.

Como percebe Luiz Felipe Pondé:

O *páthos* divino é uma intuição importante porque os personagens de Dostoiévski, que são figuras “divinizadas”, cujos dois grandes exemplos são *Míchkin* (o idiota) e *Aliócha* – o Aliekséi, de *Os irmãos Karamázov* – são claramente figuras que sofrem desse *páthos* divino, o que, na obra do escritor russo, de forma nenhuma implica em qualquer tipo de sucesso no mundo. Estarmos em comunicação com Deus ou invadidos pela transcendência não significa necessariamente que possamos fazer sucesso, que possamos nos dar bem na vida. Personagens “menores” em sua obra, mas também marcados pelo *páthos* divino são o Starets Zózima, de *Os irmãos Karamázov*, e Sônia, de *Crime e Castigo*. (PONDÉ, 2013, p. 64).

Com efeito, Aristóteles alertava-nos que “o homem que não precisa de ninguém, ou é Deus, que tudo em si próprio contém, ou um animal feroz” (apud *CHESTOV*, 1960, p. 35). É, sobretudo, acerca dos desatinos desse “animal feroz” que *Dostoiévski* irá debruçar-se para mostrar – através de personagens *gauche* – o quanto a errância da civilização centrada no homem (sustentada pela *auto pistis*) elevou-se a níveis exponenciais com o declínio da religião Cristã tanto na Europa Ocidental como na Rússia do século XIX (4).

Esse *ethos* religioso baseado na esperança de salvação e na compreensão do “sentido do mal no mundo” ajudou, em grande medida, no apaziguamento do desespero do homem ocidental. E foi através desse arcabouço normativo – tal como preconizado desde os primeiros Padres da Igreja e, especialmente, pela obra de Santo Agostinho – que o cristianismo consolidou-se como sistema de crenças que protegia o ser humano dos malefícios do amor-próprio e, ao mesmo tempo, lança-o diante da “transparência divina” e do milagre. Como notou Olivier Clément:

[...] o mundo objetivo é, em verdade, objetivado e o determinismo de suas leis significa uma doença do ser. O mundo verdadeiro é o mundo transfigurado, reduzido à sua transparência original, em torno de homens transparentes a Deus e, via de consequência, em torno do Deus-homem. O mundo verdadeiro é um milagre. (CLÉMENT, 1985, p. 148).

O cristianismo preconiza que as angústias terrenas servem como expiação dos pecados – e, portanto, os sempiternos sofrimentos não são fortuitos e incompreensíveis, antes possuem um valor de *kenósis* (purificação) – e também predica (como podemos ler nas cartas de São Paulo) que a vida, na verdade, não termina com a morte, ao contrário, a “verdadeira vida” começa no *post mortem*. O declínio desse sistema simbólico e produtor de mensagem soteriológica reduziu a própria capacidade do Lógos ao “erro dogmático humanista”, uma vez que, com o desencantamento das instituições (na perspectiva inaugurada por *Max Weber*), o sentido para a existência passou a ser “[...] fruto da complexa mecânica humana em interação consigo mesma e com a matéria por meio dos sons que a sua plataforma biológica produz – a linguagem, discurso em si vazio, ruídos contra o silêncio do acaso” (PONDÉ, 2013, p. 17).

---

Da mesma maneira que a *religião* foi sendo cada vez mais emasculada, retraindo-se à vida privada dos sujeitos, também as ideologias políticas – especialmente aquelas que guardavam um forte apelo por redenção no final dos tempos, como o marxismo histórico e as utopias arianas e fascistas –, paulatinamente, aumentaram o seu poder de sedução sobre o homem ávido por “sentido existencial” e pertencimento gregário.

Para *Bataille*, o desencantamento do mundo e a paulatina perda da influência cristã tornaram ainda mais urgente o reconhecimento da desmesura de nossos desejos constantemente obnubilados por leis morais e interditos sociais, mas que emergem (a despeito das políticas de “controle”) em toda a sua voluptuosidade e irracionalismo na subjetividade contemporânea.

Na literatura de *Dostoiévski*, em consonância com essa erosão de sentido, haveria então o testemunho da emergência sem precedente, do “mal ontológico”, a ruptura definitiva com o transcendente, jamais esquecida.

Infenso a qualquer tentativa de “evolução moral”, o nosso *eu profundo* só poderia mostrar-se integralmente através de uma literatura “maldita”, que trouxesse à luz a saudade do absoluto que a civilização ocidental “descristianizada” tentou, inutilmente, manter em esquecimento.

Bataille nos alerta que somos seres descontínuos, porém temos a nostalgia da continuidade perdida. Geralmente suportamos mal a situação que nos sujeita à individualidade do acaso, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo em que temos o desejo angustiado da duração deste perecível, temos a obsessão por uma continuidade primeira que nos religa ao Ser. (STROZZI, 2007, p. 63).

No halo religioso que permeia os escritos dostoiievskianos, percebe-se, de maneira nuançada mas constante, a nostalgia da “continuidade”, a presença subliminar de um Deus criador, aquele que expulsou o homem do paraíso (*in illo tempore*) por causa do pecado original, impondo a mortalidade como característica mais marcante da nova e sofrida vida longe do paraíso.

Essa primeira falta humana – aquela na qual Adão tentou equiparar-se a Deus, por orgulho e ambição – marcará para sempre a sua segunda natureza, imersa doravante no incessante ritmo do tempo linear e que desaguará, irremissivelmente, no ocaso e na diluição das formas vitais (7). A sensação, portanto, de um exílio perpétuo onde o contato com a fonte criativa está definitivamente perdido (podendo ser refeito apenas ritualisticamente por “mediadores”, a casta sacerdotal) funda o poder secular da igreja institucionalizada, detentora da “legítima” comunicação com o sagrado.

Nas caracterizações psicológicas dostoiievskianas esse exílio terrestre ganha contornos de dramaticidade ontológica, porquanto sublinhe simbolicamente aquilo que *Bataille* havia chamado de “descontinuidade”. Mas notemos esse ponto com atenção.

É exatamente por essa ruptura com a fonte mesma da vida que o homem caído tem o privilégio de ter na linguagem um de seus dons mais caros e singulares (a sintaxe gramatical como exclusiva da condição humana). Se ao homem está dada a capacidade de depreender a semântica da palavra articulada, Deus, ao contrário, permanece silencioso e afastado da teia de ruídos que os seres humanos tecem para expressar seu estar-no-mundo. Por isso, pôde Dostoiévski (2013, p. 37) fazer o homem ridículo confessar:

Eu sou mestre em falar calado, passei toda a minha vida falando calado e vivi de mim para mim verdadeiras tragédias calado [...]. As pessoas precisam falar consigo porque estão irremediavelmente sós. As pessoas estão sós na Terra, eis a desgraça!

---

A tentativa do homem de descrever-se racionalmente através da linguagem já é sintoma de seu fracasso noético, uma vez que os ruídos acabam por esgotar o sentido das palavras, numa circularidade sem fim e que termina no vazio de uma interlocução, de fato, inexistente.

*Bakhtin* (1970) chamou esse fenômeno de polifonia. As várias e conflitantes vozes que entreouvimos nos textos dostoiévskianos acabam por denunciar a ruptura ontológica iniciada por Adão, que maculou definitivamente esse ser fadado a falar exaustivamente de si mesmo e do mundo que o cerca, sem com isso encontrar um verdadeiro sentido para a descontinuidade de sua existência.

Esse fardo estrutural, por assim dizer, denota a onipresença do mal atinente à condição humana (como estudaremos a seguir), mas também realça um pré-requisito necessário à vida em comum, pois a criatura que admite a sua condição “polifônica” sabe, a priori, que não detém a verdade última sobre coisa alguma e, portanto, não pode colocar-se como juiz soberano ou detentor de “critérios universais de verdade”, apenas participa do jogo incessante de sentidos linguísticos equipolentes (*flatus vocis*) (8).

Seguindo as reflexões de Berdiaev (1984) e Katz (1978), nas aporias da linguagem descritas pelo autor russo só haveria uma maneira pela qual poderíamos nos aproximar realmente do ser humano: dando-lhe a palavra, quer dizer, garantindo-lhe o direito de falar por si mesmo, ao invés de tentarmos enquadrá-lo em formulações abstratas ou em epistemologias matematizáveis – que, no afã de tipificar “cientificamente” os comportamentos humanos, garantindo a racionalidade e previsibilidade de suas ações, acabam por elidir a palavra espontânea (*sprache*) e reificando a liberdade polifônica.

Esses sistemas totalizantes e *deífugos* são, portanto, antitéticos à descoberta do mistério no homem e conduzem ao obscurantismo do embotamento linguístico. Ademais, na intrincada psicologia religiosa dostoiévskiana, o diálogo entre as personagens permanece polissêmico, um quebra-cabeça inexecedível; e o ser humano, descendo às trevas, um enigma para si mesmo e para o mundo.

A lógica por vezes sibilina e as infinitas interpretações que o texto sugere só podem ser entendidas como vozes múltiplas, exercendo o seu legítimo direito de existir; tão variadas como são as contingências e as subjetividades humanas.

Por conta disso, jamais podem ser codificadas ou plenamente reconhecidas por sentenças judicantes definitivas; as *flatus vocis* de homens excepcionais, distantes e contrários à dinâmica da vida(9).

Uma das principais críticas de Dostoiévski aos liberais russos do século XIX dirigiu-se à crença ingênua destes intelectuais francófilos de que o ser humano – afastado do criador, mas refém da palavra *Ab Initio* – pudesse ser “reconstruído incessantemente”, “melhorado pela pedagogia moderna”, numa palavra, pudesse transformar-se num novo homem, virtuoso e adaptado ao mundo tal qual é.

O escritor russo, admoesta *Chestov*, detestava essa moral cabotina e insípida dos ricos, o bem estar aburguesado, as paixões e os íncubos apaziguados, o equilíbrio psicológico higienizado. Mas, por outro lado, conhecia uma verdade imperecível vinda lá dos tempos primordiais (In Illo Tempore): “em verdade vos digo: o homem – este ser fraturado – ama, acima de tudo, sofrer” (CHESTOV, 1960, p. 60).

Antes de analisarmos os livros de *Dostoiévski*, precisamos verificar os fundamentos místicos que deram origem a esta visão de mundo (*Weltanschauung*) onde amor e sofrimento se enovelam continuamente, o que Camus, argutamente, chamou de “revolta metafísica” (CAMUS, 1997, p. 39).

## Notas:

Como observa Hannah Arendt, em sua tese de doutorado sobre o amor sobrenaturalizado em Agostinho:

[...] o homem ama o mundo como criação de Deus; no mundo a criatura ama o mundo tal como Deus ama. Esta é a realização de uma autonegação em que todo mundo, incluindo você mesmo, simultaneamente recupera sua importância dada por Deus. Esta realização é o amor ao próximo. (ARENDR, 1996, p. 93)”.  
2. Sobre a questão da razão pura transformada em caritas, consultar Paul Evdokimov (1998).  
3. Acompanhemos Chestov nessa longa citação, que dá a medida da metamorfose moral daquele que é tocado pelo halo transcendente:

Aquele a quem o anjo da morte concedeu o misterioso dom não mais possui a certeza que acompanha os nossos juízos vulgares e confere uma solidez tão bela às verdades da consciência comum. Daí por diante, viverá sem certezas e sem convicções. Tem de abandonar o seu espírito por mãos estranhas, tornando-se matéria dócil, uma argila de que o desconhecido oleiro fará não se sabe o quê. De nada mais é consciente o homem. Repara que nem os feitos da razão, nem as ações humanas, o podem salvar. Com que atenção, com que tensão de todo o seu ser, ele passou em revista o que o homem, ajudado pela razão, é capaz de elevar a cabo, os palácios de cristal – e viu que esses palácios eram galinheiros e formigueiros, por [serem] construídos sobre o princípio mortal, o dois mais dois quatro. E, à medida que ia tomando consciência disso, o irracional, o inconcebível, o caos, o que horroriza a consciência vulgar, mais impetuosamente lhe acendia do fundo da alma. É por isso que Dostoiévski renuncia à certeza, e põe como supremo objetivo a ignorância – é por isso que se atreve a opor às evidências uma língua de fora. E louva o capricho, o incondicionado, o imprevisito, sempre irracional. Eis que ri de todas as virtudes humanas. (CHESTOV, 1960, p. 68).

4. O embate entre “modernizadores” e “conservadores” era particularmente intenso na época em que Dostoiévski começou a participar do círculo de Petrachévski (de cunho socializante) e que culminaria com sua prisão e condenação à morte sob a acusação de tentar assassinar o Tsar Nicolau I. Para um aprofundamento no tema, consultar a obra Pensadores Russos (BERLIN, 1988).

5. Interioridade na qual as escolhas confessionais não dependiam mais do consentimento das autoridades eclesiais, como sugeria o Luteranismo.

6. Sobre as ideologias políticas de cunho marxista e fascista e as promessas salvacionistas, especialmente no cristianismo, consultar: Michael Löwy (2005).

7. Mircea Eliade (1978) vê o Cristianismo como a religião arquetípica do tempo linear e histórico. Quando Deus se torna um homem, dentro da linha da história, toda a história se torna uma teofania. Assim, um ser humano (Cristo) veio para salvar humanos, mas ele também entra na história para “salvar” a história e transformar eventos históricos ordinários em algo capaz de transmitir a mensagem trans-histórica.

8. Segundo Guilherme de Occam e a escola nominalista, não há universais no mundo para além das denominações, porque as coisas nomeadas são todas individuais e singulares. O Nominalismo, portanto, nega a existência dos gêneros e das espécies que, alegadamente, não existiriam senão com emissões fonéticas (flatus vocis). Os nomes apenas são etiquetas, graças às quais podemos representar as classes de indivíduos; as ideias gerais não têm um objeto geral são abstrações obtidas por intermédio da linguagem. Para maior aprofundamento na “querela dos universais” na Idade Média, consultar Reale e Antiseri (1990).

9. Nesse diapasão anticientificista é que Dostoiévski fez restrições à psicologia comportamental de Ivan Pavlov (1849-1936) e à teoria do “meio”, como ele designou, por vezes, as ciências sociais. Consultar a esse respeito a obra de Frank (1999b).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do subsolo. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. Crime e castigo. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. O idiota. São Paulo: Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. O sonho de um homem ridículo. In: \_\_\_\_\_. Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo. São Paulo: Editora 34, 2013.



Ilustração: A.Quaglia

## ● ALTERIDADES

Nelson  
Inocêncio

## PÓS RACIAL

A Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu recentemente extinguir as políticas de ações afirmativas voltadas para o acesso às universidades do país. A legislação que vigorava desde o enfrentamento às leis segregacionistas protagonizado pelo Movimento dos Direitos Civis, deixa de ser referência em uma sociedade que obteve ganhos coletivos nítidos, ao longo de décadas. Por 6 votos a 3 as autoridades aprovaram a mudança que passa a valer em todo território estadunidense, apesar da indignação do atual Presidente, o democrata Joe Biden, enfatizando que a discriminação racial continua a fazer parte do cotidiano da nação, afetando diretamente as vidas de milhões de pessoas que lutam por cidadania plena.

Observando aquele contexto, aparentemente distante, poderíamos pensar, por um momento, tratar-se de uma questão externa a qual não nos diz respeito diretamente. Poderíamos, mas seguramente não seria o mais adequado e por uma razão óbvia: o mundo inteiro olha para o Ocidente com detida atenção, por força das circunstâncias históricas, considerando o colonialismo e o neocolonialismo. Portanto, ações dessa natureza causam impacto global e afetam outras experiências em países com processos ainda incipientes, com menor longevidade. A adoção de políticas de ações afirmativas no Brasil e o debate que elas ensejam, ilustram bem essa situação.

Ao longo dos últimos anos temos visto várias manifestações, supostamente avançadas, anunciando o fim do racial. Existem alguns acontecimentos que acabam servindo de pretextos a darem sustentação para tais condutas. Os dois sucessivos mandatos presidenciais de Barack Obama e o fato de uma família negra ocupar a Casa Branca, parece ter arrefecido o debate acerca da questão racial, lá e em outras partes do mundo, como se falássemos de um assunto já superado, em função daquele contexto específico. As infelizes declarações como as de Morgan Freeman, astro negro do cinema de Hollywood, desqualificando a dimensão simbólica do Mês da História Negra nos Estados Unidos, também adquire um peso como argumento a alimentar os interesses de segmentos refratários à continuidade das políticas de enfrentamento ao racismo.

Um país que precisou criar desde o século XIX instituições como as Faculdades e Universidades Negras Históricas, as HBCUs, uma vez que às pessoas negras era interdito o acesso às universidades tradicionalmente brancas, possui uma larga experiência, enquanto sociedade racializada, que não pode e nem deve ser subestimada. A educação plural que contemple os grupos socialmente vulneráveis, tanto no que concerne ao acesso quanto no que alude aos conteúdos curriculares representa um desafio que acompanha a transição do século XX para o século XXI e permanece exigindo engajamentos de corpos docentes, discente, bem como da sociedade civil. Modificar as paisagens dos *campi*, com a presença mais substantiva de pessoas negras, participando efetivamente da vida universitária é fundamental. Reformular

os currículos reconhecendo conhecimentos e saberes negros que foram alijados dos espaços acadêmicos também é parte da mudança. A esse respeito o trabalho do historiador Martin Bernal denominado Black Athena (Athenas Negra) se constitui na evidencia dos silenciamentos, apagamentos e estornos realizados pelo Ocidente em relação ao continente africano.

Na medida em que nos reportamos ao mundo hegemônico precisamos ter o entendimento de como as ideias que buscam o cancelamento do antirracismo se proliferam com a velocidade e eficácia de uma bomba atômica, devastando tudo o que foi construído. O curioso no referido processo é notar que, apesar das divergências ideológicas, nessa tensão há segmentos 'avançados' e reacionários convergindo em alguns aspectos. A crença de que as questões de classe devam se sobrepor às questões de raça, com o nítido intuito de minimizar as tensões raciais, é uma das evidências.

Aqui entre nós, a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos representa um senhor estímulo para a grande parcela retrógrada da população brasileira, outrora acanhada, hoje desavergonhada. O tsunami ultrarreacionário atingiu uma escala global sem precedentes na História contemporânea e nós não sairemos ilesos desse momento. Os setores mais atrasados que apresentaram ao Supremo Tribunal Federal ação de inconstitucionalidade das cotas raciais nas universidades brasileiras, muito provavelmente encontrarão forças para desenterrar o assunto, apesar da derrota fragorosa. Em 2012 os ministros do STF votaram por unanimidade na constitucionalidade das políticas de inclusão da população negra.

No Brasil, particularmente, há setores, saudosos do mito da democracia racial, que duvidam até hoje da existência do racismo local. Se isso não fosse fato, o jornalista e sociólogo Ali Kamel, no calor das discussões sobre cotas raciais, jamais teria publicado, com algum sucesso, um livro intitulado "Não somos racistas". Há, por outro lado, segmentos que admitem a existência do racismo, uns menos e outros mais determinados a combatê-lo. Para os que apresentam maior nível de engajamento a questão central transcende a dúvida em torno da presença ou ausência do racismo em nossa sociedade. O ponto fulcral diz respeito às estratégias que permitam enfrenta-lo. Por fim e não menos complexo, identificamos os setores que acreditam piamente em uma situação ideal em que as afirmações das identidades étnico-raciais não façam mais sentido, uma vez que, das suas perspectivas, a 'raça é humana'. Esses insistem em anunciar o suposto anacronismo das lutas de combate ao racismo, como se, em suas idealizações, encontrassem alguma materialidade capaz de trazer estofo e fortalecimento ao discurso. Tais grupos engrossam o coro dos que assumem haver uma era pós racial. Em que parte do planeta exatamente, não sabemos.

Em relação aos últimos, vale destacar as limitações que apresentam. De acordo com esse ponto de vista, teríamos que sublimar muitas experiências e ignorar uma sucessão de eventos que nos mostram o nível de alienação dos que pensam por tal viés. Argumentam que ao invés de comemorarmos o Dia Nacional da Consciência Negra deveríamos celebrar a consciência humana, mostrando profundo desconhecimento acerca das motivações que resultaram na construção da referida data.

Todavia, ao que parece, não nos resta outra alternativa para a superação do racismo a não ser problematizá-lo até a exaustão. A extinção da categoria raça está muito além de discursos pretensamente humanistas que passam ao largo das questões que desumanizam as pessoas negras, por exemplo. Enquanto pessoas vinculadas a grupos socialmente vulneráveis continuarem sendo alvo de violências simbólicas ou físicas em consequência dos seus pertencimentos, haverá a necessidade de afirmação de suas identidades. Não se trata de uma rebeldia sem causa, mas de um gesto de resistência diante das fobias e intolerâncias que matam.

O pós racial nos faz crer que a mobilização da sociedade civil estadunidense embalada pelo slogan 'Vidas negras importam!' não mereça o devido crédito, posto que todas as vidas importam. Pouco interessa se homens negros sejam alvo preferencial da violência policial e do encarceramento em massa lá ou aqui. O propósito de esvaziamento das pautas antirracismo, se constitui em uma tática dessa conduta pretensamente altruísta que entorpece, sobretudo, pessoas cujas formações políticas são, geralmente, bem modestas.

Alegar que o melhor seria não debatermos a raça, apesar de sermos todas e todos historicamente racializados e sujeitos às circunstâncias que tal condicionamento produz, independentemente de nossos desejos e vontades, representa uma visão idílica que faz do pesadelo algo desprezível ou mesmo inexistente. Esse modo ver parece ter como meta mais uma fuga da realidade do que uma ancoragem nela. Contudo, os seus efeitos deletérios estão aí. Os mapas sociais da Educação, Saúde, Trabalho, Violência, entre outros não são suficientes para demonstrar a necessidade de amplas políticas públicas focadas na população negra. Afinal, somos todas e todos humanos, não é verdade? As diferenças de tratamento, a depender dos vínculos identitários, não passam de ilações provavelmente.

Os desafios que o século XXI nos impõe relacionam-se às reparações necessárias, considerando o fato de sermos sociedades que se constituíram desigualmente, nas quais a diferença serviu de pretexto para afirmação da dessemelhança. Raça continua a ser estruturante em vários, em muitos contextos sociais. Os Estudos Decoloniais, principalmente no que se refere às questões atinentes à colonialidade do ser, à colonialidade do saber e à colonialidade do poder, já produziu significativa massa crítica que nos servem de esteio. Eles nos levam a pensar sobre o quanto ainda temos que percorrer até vislumbrarmos sociedades, as quais estejam situadas em algum lugar além da raça, enquanto categoria socialmente construída.





Deusdedith  
Alves Rocha  
Junior

● SABERES

## LI E WU, O MESTRE

(30 poemas confucionistas)

### 1

Mestre Wu deu a Li o caroço  
Da manga que juntos consumiram.  
Que posso fazer com isto?  
Foi o que pensou Li  
Depois que o mestre partira.  
Lançado no fundo do quintal  
Ao abandono do tempo  
Li esqueceu o caroço de manga.  
Um novo encontro com o mestre  
Traz na lembrança o objeto perdido.  
Sobre o que fizera dele, perguntado,  
Respondeu Li, bem evasivo,  
Ter guardado num lugar adequado  
Para um presente do mestre.  
Então Wu lhe respondeu  
Que, no tempo propício,  
Lhe trouxesse outros caroços,  
Mas de manga recheados.  
O embaraço de Li pouco durou  
Quando em casa percebeu  
Que, no fundo do quintal,  
O pé de manga cresceu.

### 2

Li perguntou ao mestre, um sábio,  
De onde vinha tanta sabedoria.  
Mestre Wu, desencantou o silêncio  
Que o conduzia, para responder a Li  
Que aprendia com as qualidades  
De quem vinha em sua companhia.  
Mas, quis saber Li, o que fazes com os defeitos?  
Estes, se os houver, corrijo-os em mim.

### 3

O povo de Hu tinha desprezo  
Pelo mestre e maldizia a sua sabedoria.  
Li não compreendia a benevolência  
Com que Wu recebia e atendia  
Aos pedidos do povo de Hu.  
Mestre Wu lhe respondeu  
Que a escolha do beneficiário  
Não condizia com a prática do bem.  
Quem atende somente aos iguais,  
Encontra conforto, mas não encontra a paz.

### 5

Disse Li ao mestre Wu  
Que estava errado  
Na sua opinião.  
Disse Wu, agradecido,  
Reconhecer sua sorte  
De poder ser corrigido.

### 7

O mestre disse:  
Faça um poema e cante.  
Não há outro modo  
De dizer o que é a vida  
Em profundidade.

### 4

Li procurou o mestre  
Para saber o caminho  
Que Wu fizera na vida  
Para se tornar perfeito.  
O mestre lhe sorriu e disse  
Guiar-se no caminho reto  
Com qualidades e defeitos.  
O que nos faz bons, na vida,  
É saber quanto de rédea  
Merecem os nossos vícios,  
E até onde podemos ir  
Com nossas virtudes.  
Se o caminho já está pronto,  
Não estão nossas atitudes.

### 6

A sabedoria do mestre  
Era ser incansável aprendiz  
Enquanto ensinava.

### 8

O mestre disse:  
Tire suas conclusões  
Mas considere que quando falas  
Nenhuma palavra ocupa o lugar  
Das coisas e dos acontecimentos.  
Nem mesmo o silêncio  
Pode significar  
O que ele realmente é.

## 9

O caminho do sábio  
É o mesmo caminho.  
Li e Wu, o mestre,  
Vinham pela estrada  
Em silêncio, a pensar em nada.  
Nenhuma pergunta  
Li fazia.  
Nenhuma resposta  
Wu lhe dava.  
Quem olhava os dois  
Pelo caminho, nem imaginava  
Que a lição do dia  
Estava na caminhada.

## 11

O caminho reto  
Parece o que mais há  
De certo,  
Mas Li não o alcança  
Por uma vontade desinteressada.  
Passo a passo, sua jornada  
Consiste em perguntar  
Ao mestre  
O que ele já sabe  
Ter como resposta.

## 13

A juventude,  
Momento oportuno  
Da vida, deve gerar  
Flores e brotos  
Para os frutos do futuro.

## 10

O mestre disse:  
A resposta  
Está na pergunta.

## 12

Diante do rio,  
O mestre disse:  
Como pode a água  
Se deixar ir  
Sem saber onde?  
Mas não era da água  
Que ele falava.

## 14

Quando era jovem  
O mestre era admirado  
Pelo que poderia vir a ser,  
Ainda que isso não fosse certo.

## 15

As palavras não estão corretas  
Senão quando dispostas  
Do modo que melhor representam o mundo.

## 16

A roupa velha  
Protege o corpo da vaidade?  
Li perguntou.  
O mestre disse:  
O corpo nu  
Está despido dos sentidos?  
Se não,  
Como deverás te vestir?

## 18

Li percebia  
Que o mestre lhe sorria  
Enquanto falava,  
E que era grave e sereno  
Com quem tinha algum poder.  
Talvez fosse dever de Li  
Perguntar sobre essa questão,  
Mas temendo que a resposta  
Trouxesse um desarranjo  
A essa ordem de coisas,  
O discípulo preferiu  
Conduzir a dúvida  
Pelo bosque do silêncio.  
A resposta, toda resposta,  
Move o mundo,  
Mas nem sempre  
Por onde a gente gosta.

## 17

A distância, disse Wu,  
Nem sempre se vence  
Percorrendo o caminho.  
Amar nos aproxima.

## 19

Poderia o mestre  
Usar a mesma roupa  
Em todas as ocasiões?  
Se elas tivessem  
O mesmo significado  
Isto seria possível,  
Visto que as roupas falam.  
Mas o mestre sabia  
Que as roupas não podem  
Ter mais importância  
Do que a ocasião.  
Então ele se vestia  
De modo simples,  
Como quem fala baixinho.

## 20

Como deveria agir  
Para se purificar,  
Li perguntou ao mestre.  
Simplifique tuas vestes,  
Modere a tua comida,  
Fiques onde estás.  
E depois?  
Quis saber mais.  
Puro, é o estado  
Em que percebes  
Somente a ti.

## 21

Quem está distante,  
Disse o mestre,  
Merece reverência e respeito  
Neste instante.

## 22

A cura consiste  
Em expurgar o mal  
Do corpo.  
O remédio  
E a ação consciente  
Se juntam nessa tarefa.

## 23

As coisas do mundo  
Devem vir  
Em favor de todos,  
Ou não devem vir.

## 24

A comida  
Deve ser servida ao corpo  
Para o seu bem  
- da comida e do corpo.

## 25

Quando entrou em minha casa  
O mestre me reverenciou  
Como um rei  
Em seu castelo.  
Senhor das palavras,  
O mestre, a ele me curvo  
O tempo todo.

## 26

A seta que não encontra o alvo,  
A seta que ultrapassa  
O seu objetivo,  
As duas não encontram a meta.  
Nem a falta, nem o que excede.  
Para quem busca a felicidade,  
Reconhecê-la e saber onde está  
É o que se pede.

## 27

Pareço digno?  
Perguntou Li ao mestre.  
Tuas roupas dizem que sim,  
Mas o que sabem as roupas  
Sobre esse assunto?  
Foi o que disse Wu.

## 29

A boa palavra  
Dita quando deveras  
Havia de ser proferida,  
Não permite a quem fala  
Trazer as indevidas.

## 28

Quem governa a aldeia de K'uang  
Não controla com firmeza  
Os portais de entrar e sair  
Daquela cidade,  
E Li já estava distante  
Quando disse ao mestre Wu,  
No caminho,  
Que isso enfraquecia o lugar.  
A coragem e o senso de dever  
Bem distribuídos, o sábio falou,  
São olhos mais atentos  
Do que os que veem  
Por trás dos muros.

## 30

A retribuição não deve  
Ser pretendida  
Por quem agiu  
Em favor da vida.

## ● CRÔNICAS COTIDIANAS



Ellaine  
Toledo

## A DIFÍCIL ARTE DE APLAUDIR!

**Q** Há uma facilidade enorme em admirar e aplaudir o estranho, aquele que está fora de alcance, o inatingível! Como a pessoa não pode destruir, não resta outra opção, a não ser aplaudir! Mesmo que seja um aplauso frustrado, por entender que hoje, os seus aplausos se tornaram desnecessários, outros já aplaudiram no seu lugar!

A frustração do destruidor tem início ao perceber que o outro está num lugar que ele, mesmo podendo, não moveu uma “palha” para ajudá-lo a chegar. Nesse caso, o melhor é engolir a frustração e aprender a lição: aplauda hoje!

As pessoas têm a tendência de diminuir e desmerecer aquele que está ao seu alcance, que está ao lado, um ditado que valida essa condição estúpida é: “santo de casa não faz milagres”.

Por quantas réguas sociais mirabolantes uma pessoa precisa ser medida por um aplauso, por uma mão livre de vaidade disposta a ajudar? Não existe mágica, ninguém chega a lugar algum sozinho, não existe exército de um homem só, país ou cidade com um único morador, empresa com um único funcionário, família com um único membro, escola com um único aluno...

Incontáveis são as experiências de funcionários que desenvolveram um excelente trabalho em determinadas empresas. A matriz da mesma empresa, em outro Estado, viu, valorizou e reconheceu, mas, a gestão imediata fingiu não ver, ignorou e com prazer e dissimulação impediu o crescimento profissional do funcionário, que anos mais tarde, em outra empresa, segue aplaudido de pé!

Essa situação fica ainda mais explícita nas redes sociais, muitas vezes, quem curte e fortalece o conteúdo de uma pessoa não é o seu familiar, amigo, ou pessoa próxima, mas, estranhos. Benditos sejam os estranhos! Eles aplaudem!

**Sim, algumas pessoas são frustradas porque desenvolveram uma dificuldade crônica em olhar à volta e admitir que existem pessoas tão ou mais brilhantes que elas, o que é uma bobagem! O brilho de um não apaga o brilho de outro, ao contrário, o brilho se torna mais intenso para ambos.**

Figura: A.Quaglia

---

Parabéns às pessoas raras, que como o Seu Francisco, pai da dupla Zezé de Camargo e Luciano, torceu bravamente por eles e não mediu esforços para apoiar, incentivar, acreditar, quando ninguém acreditava! Distribuindo fichas telefônicas aos colegas de trabalho, pedindo que ligassem na principal rádio de Goiânia para pedir a música “É o Amor”, grande sucesso em todo Brasil e exterior. Sim, ele também ligava incansavelmente, várias vezes, mesmo depois de um dia cansativo de trabalho. Um extraordinário exemplo a ser seguido! Aplauda!

Aplaudir hoje evita frustração de amanhã, gera poder, fortalece ideias e sonhos. Social ou profissionalmente no mundo, não se chega ao sucesso sozinho. Antes de aplaudir o desconhecido, comece aplaudindo o cônjuge, o filho, o amigo, o colega de trabalho, o subordinado, o entregador e tantos outros que estão ao seu lado e merecem sinceros aplausos.

Não espere de camarote a pessoa não fazer mais parte do seu convívio e se tornar inatingível! Seja honesto com você e com o outro. O grande valor moral está em aplaudir quando ninguém aplaude, incentivar quando ninguém incentiva, ajudar quando ninguém ajuda e acreditar quando ninguém acredita.

Aplauda hoje, brilhe e deixe brilhar!

Sucesso!



Figura: A.Quaglia

## ● SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR



Maria Helena  
Costa

## O MOVIMENTO INCOMODA? A ARTE DAS PERGUNTAS QUE MOVIMENTAM...

**T**alvez você já tenha se deparado com perguntas inconvenientes... e fugirá delas, disfarçará, mudará de assunto, simulará até uma interrupção, bem a tempo para deixar para lá! Engasgará?

Quem deve ser o hábil nas perguntas? Quem as faz ou quem as ouve? Claro que podemos pensar em ser atenção e ver cada oportunidade como aprendizado, evolução. O mundo está célere e talvez nem tantos desejem mais uma “pulga atrás da orelha”. Se a pergunta foi bem apresentada – a pulga se instala. Se incomodou, a pulga encontra seu espaço... e ainda temos a vida, o universo que sempre conspira a favor da evolução – haverá uma outra oportunidade, para ser recordado da pergunta a que fugiu.

E qual a razão para nos incomodarmos aqui com perguntas? Simples! Queremos incomodar você, queremos trazer inquietude para que novo aspecto surja e você pense que isso é exatamente para você! E...afinal quem saberá que você lê este artigo e fica incomodado? Só você!

De onde mais vem? Vem dos diversos processos que entregamos e percebemos os momentos de “cara de paisagem” como se pairasse acima de temas que são para reles mortais... e esse participante está em outro nível. Ah, eu vou indicar... e talvez possa desejar sair.

E se você ficar, será que descobrirá algo que pode realmente ser útil? Será que aprenderá algo por um novo ângulo, terá outra percepção? E o que fará com a dúvida: e se eu tivesse ficado?

Observe que essa é a postura na vida – talvez seja muito mais prático escolher o prazer – eu estou aqui para ser feliz! Todos estamos!! TODOS! E ser feliz é viver o que nos agrada? Hedonismo é! Viver pelo prazer! Saciará? Ou será mais rápida a chegada ao ponto de não retorno? O que vivi até aqui? O que sinto? O que me importa? Quem está ao meu lado? O que construo? O legado que deixo? O exemplo que sou?

**Acredite, o mundo tem um mínimo percentual de agentes do mal – a questão é que sabem exatamente o que criar para ser o que desejam ser. E sem qualquer temor o fazem.**

**O amor, o bem, são discretos, não fazem alarde. Fazem perguntas discretas, não gritam, não usam máscaras, são como são. E pode ser que impactem somente no exato momento em que devem impactar. Bem... é uma arte e nem todos terão esse poder. Eu aprendo, como terapeuta, coach e mentora; é a possibilidade mais próxima ao tema do paciente, do coach, do mentorado.**

O detalhe – não deixo que se vá, afinal escolheu estar ali. Claro, é livre e pode sair a qualquer momento e levará a pulga, com ele, bem instalada!



---

E perguntas a esta altura do ano? No fechar das cortinas, no encerramento do ato...os atores até já se recolhem... O ano terminará no Calendário Gregoriano, seguirá no Juliano e em mim, em você, se não tivermos alcançado o nível que desejamos, aquele acertado com nossa consciência, com nosso EU SUPERIOR!

Então, quantas pendências teremos? Quantas vezes mais viveremos experiências similares para aprendermos a tolerância? A resiliência? O autorrespeito? A autorresponsabilidade? A autoestima? Autoamor? São muitas as competências emocionais e sócio comportamentais a serem treinadas. E olhamos muito mais para as competências técnicas. As empresas seguem essa cartilha – mais é melhor! Mais currículo, mais experiência, mais números... até chegar o *burnout*, o ataque de pânico, as adições (qualquer uma – jogo, bebidas, cigarro, drogas, dependências afetivas...), transtornos de memória, transtornos do sono, relacionamentos conflituosos. A lista pode ser extensa.

Você conhece a pessoa com sorriso automático? Que ri até mesmo em situações inadequadas? Você conhece alguém que está fora do contexto? Ou que só fala de si e de seu ego? Aquela que é manequim *VOGUE*, tem uma *Ferrari* e vai para Londres, Paris e Milão diversas vezes ao ano... Claro que é uma caricatura aqui, e você já compreendeu a lista de etiquetas prezadas pela pessoa.

Você talvez conheça pessoas que trabalham voluntariamente e sequer tenham mencionado – têm sempre uma história afetuosa para transmitir, carregada de esperança. Aquelas que contribuem com colegas e acompanham um trabalho, dão apoio, fazem junto.

Aquelas que fazem porque roubam ideias, porque assumem a genialidade e deixam o criador assombrado.

Como diz o MPB 4 – tem bicho que dorme em pé, tem bicho que dorme deitado, tem bicho que dorme até... bichos de todas as espécies com todas as posições para dormir e até o homem que dorme deitado, por vezes sentado...ou mesmo em pé.

Seres de toda a natureza, em diversos estágios evolutivos e todos em rede de conexão, justamente para contribuírem uns com os outros. E voltamos à pergunta pulga... Será que a pulga que lhe foi dada, contribuiu?

Será que ao resolver o seu dilema, sentir-se-á capaz de contribuir com o dilema de outro alguém? Será que se sentirá tão leve, feliz que poderá cantar, dançar e até convidar outros para a sua festa?

Então, no encerramento do ano, deseje uma grande festa. E convide todos, para dela participarem, mesmo que seja uma festa, dentro do seu coração. Festa de reconhecimento, em gratidão por tanto aprendizado. Em alegria, abraços generosos a si mesmo, por ter chegado aonde chegou. Por ter superado, aprendido, ter sentido algumas pulgas e delas cuidado, ter esquecido outras que podem ir para a sua lista evolutiva.

Sim, crie uma lista de convites à evolução – nela anote tudo que deseja superar, aprender, evoluir. Dela faça a lista de gratidão – tudo que viveu, aprendeu, compartilhou.

E creia, você está a um passo da lista mais preciosa: Lista de Desejos. Esta será a mais honesta, clara, verdadeira que já fez até aqui. Simplesmente por ter se permitido ver, em alguns aspectos, com esse andar de pulgas. Com esse pegar na sua mão e lhe apresentar um outro aspecto, outro comportamento, outro ser humano.

---

E estamos no SER – ser intrinsecamente essência, a pureza original que é em você, ao nascer, ser acolhido por sua mãe e reconhecido como o bebê mais lindo do mundo. Por ter sido amado, respeitado, por ter sido acompanhado, por ter recebido tudo aquilo que eles, seus pais, tinham a oferecer. E creia, fizeram o melhor que puderam e se mais pudessem, mais teriam feito. Assim é você agora!

O que pode fazer melhor? Qual o ponto a ser aperfeiçoado?

Em especial, o que pode agora ver, que tem em abundância e, compartilhar com quem surgir diante de você? Ou fazer aquela conexão via telefone, tocar a campainha, escrever uma mensagem e simplesmente dizer: eu me lembro de você e agradeço você, por ser tão especial na minha vida.

Sempre há algo que podemos criar, manifestar, doar, entregar, oferecer... e sempre haverá! Descubra e crie esse momento tão mágico e seja o elo conector nessa rede de manifestação pelo bem. Deixe de lado as bandeiras, ideologias; observe que todos desejamos o amor! E este, é incondicional, nada exige em troca e é dado livremente.

A você o melhor Natal que possa haver dentro de você, acompanhado por *Neale*. Nosso carinho, do Sementes Coaching. Respeito, admiração e as melhores vibrações na parceria com Erica Borgonovi e nossa marca EU SER. E creia, tudo fazemos individual ou em grupo, para que vivamos os seus resultados, pois eles também são nossos. O mundo melhor, é de todos nós!



**O que é o amor?**

**É aquilo que é incondicional, ilimitado e não faz exigências.**

**Porque é incondicional, não exige nada para se expressar.**

**Não pede nada em troca.**

**Não conhece retaliações ou represália.**

**Porque é ilimitado não impõe limitações ou barreiras.**

**Porque não faz exigências, não tenta se apossar**

**de nada que não seja dado livremente,**

**não procura manter nada que não deseje ser mantido.**

**Não procura dar nada que não seja alegremente acolhido.**

**E é livre. O amor é aquilo que é livre, pois a liberdade é a essência do que Deus é e, o amor é Deus expressado.**

**DEUS**

**Neale Donald Walsch**

---

Referências:

Walsch, Neale Donald. Uma Amizade com Deus: um diálogo incomum.

Rio de Janeiro: Sextante, 2000

Flèche, Christian. Curso Transtornos de Comportamento pelo Instituto e Editora Cíntia Chiarelli, 2022, São Paulo.

EU SER – euser.com.br

● E SE A VIDA FOSSE UM FILME?



Beatriz  
Berçott



## DAS TELAS AOS CINEMAS, DOS CINEMAS AS TELAS

### Levando pessoas de umas salas para outras

A “sétima arte”(1) teve início na França, no final do século XIX, utilizando técnicas que se tornariam icônicas, criadas pelos irmãos Lumière. Os pais do cinema fizeram nascer a imagem em Movimento, exibida pela primeira vez em 1895, numa sala onde os espectadores da fabulosa arte estavam em pé! Auguste e Louis Lumière usaram o cinematógrafo, um aparelho que associava as funções de máquina filmadora e projetor, para passar seus filmes e encantar a todos. Infelizmente, com o advento da guerra, os Lumière venderam a tecnologia, e felizmente (na minha opinião), surgiu Hollywood iniciando a grandiosidade dos processos cinematográficos, ampliando as técnicas iniciais, e criando filmes que ficaram gravados na memória de muitos, além de fomentarem as premiações. Quem até hoje não espera com pipoca e pijama, para ver o glamour do tapete vermelho?

Ir ao cinema era um luxo, e assistir a uma estreia era um espetáculo a parte. Pessoas bem vestidas, como numa festa elegante, esperavam a grande surpresa da noite, afinal é importante ressaltar que os filmes não eram lançados com tanta frequência quanto nos dias de hoje, e nem com tantas cores. Podem imaginas o susto em ver tudo se transformar, de preto e branco para colorido, no filme “O Mágico de Oz” (1939)? Fora que antes da exibição dos filmes, os cinejornais davam lugar ao imaginário do fronte, trazendo notícias da guerra, não tão frescas assim. Até Brasília possuía, no final da década de 50, suas próprias propagandas antes dos filmes.

Com o tempo as salas de cinema ganharam outra cara, e com a chegada dos aparelhos de TV, as atenções “migraram” para dentro das casas. Os cinemas nunca deixaram de existir, porém, foi uma questão de tempo para que as nossas salas ficassem repletas por novelas e seus personagens, as boas músicas dos festivais, os programas de auditórios, as séries estrangeiras e desenhos animados. Os cinejornais, antes curtos e teatrais, receberam um horário nobre, transformando-se em noticiários com mais de uma hora de duração. Famílias inteiras se juntavam para assistir televisão, e o mundo chegou a parar em alguns momentos importantes de nossa história, como a chegada do homem a lua (1969), a morte do presidente norte americano John Kennedy (1963), com as “Diretas Já” (1983) - um dos eventos mais importantes no Brasil -, com a morte de Tancredo Neves (1985), e a partir do final dos anos 90, para assistir “o espetáculo” atroz das guerras. Claro, não posso deixar de colocar nesse texto as memoráveis novelas, que ao longo do tempo, fizeram para o Brasil, curioso para saber o final de Irmãos Coragem (1970), Anjo Mal (1976), Vale Tudo (1988), com a célebre pergunta: “quem matou Odete Roitman”, ou Avenida Brasil (2012), quando as redes sociais





As inovações tecnológicas permitiram o aperfeiçoamento dos aparelhos de TV (de filmagem, e de tudo), e com o tempo novos equipamentos foram criados, como o VHS (ou vídeo cassete). Caixas com rolos de filme, antes vistos apenas no cinema e nos projetores caseiros, permitiram de forma simples a reprodução de filmes que antes estariam apenas nas telas de cinema, nas televisões, nas salas das casas. Logicamente a nova maravilha tornou-se popular em pouco tempo. E os cinemas? Não deixaram de existir, ou de manter seus lançamentos em dia. Locadoras de filmes foram criadas, e bastava ir a uma loja, achar o título de filme desejado, “pegar emprestado” pagando uma taxa para levar para casa, e multas altas para quem não entregasse no dia certo, ou sem rebobinar o cassete antes devolver. Para os que desconhecem o ato de REBOBINAR. Explico. Era preciso rodar a fita até o início, colocando o “rolo de filme” para traz, rodando o filme ao contrário, para deixá-lo pronto para o próximo que alugasse. Uma coisa simples, mas que TODOS esqueciam de fazer, quando não pagavam as fitas, gravando sobre elas (1).

Um das mais conhecidas locadoras no mundo foi a Blockbuster, famosa até hoje. Suas lojas começaram a existir em 1985, e ofertavam além do aluguel de VHS, a venda de uma série de guloseimas que eram servidas nos cinemas, para os cinéfilos que quisessem levar para casa a mesma experiência. O tal filminho com pipoca e pijama do final de semana, ou o evento social com amigos. A sala de TV se transformou no espaço onde a tecnologia acontecia. Com a evolução de aparelhos (de novo), o vídeo cassete ficou obsoleto, ainda na década de 90, quando surgiram os aparelhos com *Digital Versatile Disc*, ou DVD, substituindo as fitas grandes e pesadas, por discos finos, que vinham dentro de uma caixa ainda mais fina, e com vantagens de não mais precisar rebobinar. E seguindo a sequência de evoluções, um belo dia chegou o *blu-ray*, pijama do final de semana, ou o evento social com amigos. A sala de TV se transformou no espaço onde a tecnologia acontecia. Com a evolução de aparelhos (de novo), o vídeo cassete ficou obsoleto, ainda na década de 90, quando surgiram os aparelhos com *Digital Versatile Disc*, ou DVD, substituindo as fitas grandes e pesadas, por discos finos, que vinham dentro de uma caixa ainda mais fina, e com vantagens de não mais precisar rebobinar. E seguindo a sequência de evoluções, um belo dia chegou o *blu-ray*, e com ele não preciso contar que também surgiu um novo aparelho para a sua leitura, com novo formato, menor e ainda mais fino.

Mesmo com tanta tecnologia possibilitando que filmes fossem vistos no conforto das salas de nossas casas, os cinemas continuaram vivos, pois os filmes demoravam para chegar nas locadoras. Muitas pessoas ainda frequentavam os cinema, aguardando ansiosos as novas exibições cinematográficas. Ainda na década de 90, a internet se popularizou, o que nos permitiu acessar filmes e séries pelo computador e TVs, por meio do uso do wi-fi. Mais uma vez a tecnologia superou as expectativas, agora os filmes, videoclipes, shows gravados ou até mesmo ao vivo, podiam ser baixados e assistidos pela internet, e novamente mais locadoras foram deixadas de lado, e os cinemas também estavam sendo menos utilizados. Agora haviam filmes que podiam ser alugados pela internet, mais locadoras foram à falência.

Algumas outras empresas do gênero “alugue, leve, rebobine(risos), e devolva”, também nasceram na década de 90. Era um negócio lucrativo. Entretanto, algumas dessas empresas pensaram em formatos mais acessíveis de alugueis, e ao longo da década, formataram o que conhecemos hoje como streamings, sendo uma delas a NETFLIX. Numa única plataforma, e de onde desejasse - pois o acesso deu-se a partir de computadores, celulares, tablets, dentre outros -, foi permitido assistir filmes de estúdios variados, títulos diferentes e lançamentos recentes, sem precisar ir ao cinema, pagando para a plataforma, e assistir a partir do local escolhido.



REBOBINE, POR FAVOR (BE KIND REWIND)  
Direção: Michel Gondry- 2008

NETFLIX. Numa única plataforma, e de onde desejasse - pois o acesso se deu a partir de computadores, celulares, tablets, dentre outros -, foi permitido assistir filmes de estúdios variados, títulos diferentes e lançamentos recentes, sem precisar ir ao cinema, pagando para a plataforma, e assistir a partir do local escolhido.

Em 2007 a Netflix decidiu evoluir suas ideias, criando uma plataforma com um preço único por mês, e acessível para assistir qualquer filme existente.

Sabe a Blockbuster? Todas fecharam, exceto uma, no Oregon (EUA), que curiosamente permaneceu aberta até mesmo durante a pandemia de COVID19. A tecnologia fez com que as locadoras perdessem sua vez, com poucos aluguéis, tiveram que fechar suas lojas por falta de clientes. Mas ainda existe uma Blockbuster que está ativa, localizada em Northeast Revere Avenue, Bend, Oregon, EUA.



← VISITE A ÚLTIMA  
BLOCKBUSTER  
clicando  
AQUI

Na minha opinião, algumas produtoras estão com raiva ou medo de perder seus filmes para plataformas, pela facilidade de apresentação de conteúdos caros, que podem ser mais baratos em outras produtoras, por causa das plataformas de streamings, isso diminui a ida de filmes para as telas de cinema.

### → Uma experiência do cinema

Recentemente escutei uma história interessante sobre salas de cinema, e como os fatores envolvidos nas ofertas diferenciadas afetam a experiência em si. Em respeito, vou manter o nome desta pessoa em sigilo.

Certo dia uma conhecida se interessou por um filme cult, recém lançado nos cinemas. Porém, ao pesquisar as informações sobre salas e horários, descobriu que era ofertado apenas **por uma das muitas salas** existentes em Brasília. Ela então partiu para a tal "sala única", num shopping, pois, aqui, a oferta de salas de cinemas, em sua maioria, ocorre nestes locais.

Ao chegar no local, já na fila, percebeu que não havia tanta gente, e achou estranho, Dirigiu-se para o guichê vazio e pediu seu ingresso. Qual não foi a surpresa ao escutar o valor! Algo que se aproximava de R\$150,00. Cabe dizer que certamente o rosto da nossa figura anônima demonstrou o susto pelo valor, única coisa pela qual não havia se atentado, até aquele momento. Calmamente ela respirou, olhou para trás, a fila aumentando, seu rosto enchendo-se daquele rubor típico de quando somos pegos de surpresa, e retirou o cartão da bolsa. A anestesia passou quando uma voz estridente perguntou: débito ou crédito? Débito, respondeu, sem pensar.

Daí para a frente, ela só pensava no valor, e em quanto havia gasto para ver aquele filme. O FILME? Perdeu até a graça. Ela passou a seção inteira pensando no valor que gastou por um ingresso. E nem mesmo a poltrona especial, pipoquinha e os doces levados para ela, por um rapaz da bomboniere, em sua cadeira, a fizeram descansar e aproveitar o tão esperado filme!

Ouvir esse história deixou claro duas coisas. Uma é o fato de que os cinemas ainda são caros, mesmo os ingressos em salas comuns. O segundo é poder afirmar que Umberto Eco está certo quando diz que a apropriação capitalista da cultura faz com que muitas pessoas deixem de usufruir o que nela contém (1979).



## PARA PENSAR!



... Para autores considerados apocalípticos, de acordo com a classificação de Umberto Eco (1979), a **cultura de massas tem destruído o valor artístico da obra de arte, pois ao servir aos ideais capitalistas do consumo, faz com que a manifestação artística valha quase que somente pelo seu potencial de comercialização...**

... massa não mais circunscrita ao Ocidente. Nos cinco continentes estão em ação indústrias criativas que criam produtos estilizados, moda, entertainment, uma **cultura de massa** mundializada. Sempre houve culturas particulares imprimindo sua ...

... cultural, o comercial e o criativo, a **cultura de massa** e a alta cultura: doravante, nas economias da hipermodernidade, essas esferas se hibridizam, misturam, se curto-circuitam, se interpenetram. Uma lógica de desdiferenciação que é ...

... massa não mais circunscrita ao Ocidente. Nos cinco continentes estão em ação indústrias criativas que criam produtos estilizados, moda, entertainment, uma **cultura de massa** mundializada. Sempre houve culturas particulares imprimindo sua ...

A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista.  
Por Gilles Lipovetsky, Jean Serroy (2007)

“ Formado o grosso caldo que mistura arte e mercado, a arte sofre um processo de definhamento de seu caráter questionador, quando aspirava transformar a humanidade e discutir sua própria função, sendo agora relegada a um plano menos transcendente e absoluto de, simplesmente, ampliar o consumo das massas e, por conseguinte, a participação de mercados das empresas, a fim de maximizar seus lucros (eis que o capitalismo se reinventa para retornar ao seu cerne: os lucros)”

A beleza salvará o mundo? O capitalismo artista e as descrições de um mundo estético. Thiago Barros (2015)



● QUEM CONTA UM CONTO...



Angelina  
Quaglia

**O PEQUENO CONTO DO “DESPERTENCER”**  
EXTRAÍDO DO LIVRO CONTOS DE CADA HISTORIA  
PUBLICAÇÃO EM 2024

**A**s vezes a sorte que nos faz pertencer a algum lugar, a um grupo ou a alguém, pode se assemelhar a um presente estimado e inesperado, daqueles que jamais pensamos em receber, porque ninguém nos conhece tanto a ponto de comprar. Pertencer é uma joia rara, além de representar um conjunto de ações que não nos agradirão. Foi assim com “ele”.

Por vezes “ele” tentava procurar um lugar onde seria compreendido, porque, afinal, suas perguntas e pensamentos nunca tinham recebido as devidas respostas que desejava, e por vezes, para não dizer quase sempre, o respeito que precisava - as perguntas faziam eco na casa, quando não viravam o estrondo de uma explosão de ódio por parte dos seus -, e todas aquelas ideias que corriam entre suas orelhas, atrás de seus olhos, se perdiam porque eram tolas (dito pelos seus). Ele era tratado por sua família como se trouxesse os piores questionamentos e soluções, para cada uma das situações que vivenciava, ou, que ansiava viver. Um fardo, uma pessoa difícil, um ser impulsivo, uma coisa preguiçosa. Sim, essas eram as palavras pesadas, escuras e duras, que escutava, sempre, e todos os dias.

Foi então que “ele” teve a ideia, errada, de que “depertencer” era ser suportado, e suportar toda a dor, todas aquelas palavras e atos de desprezo, e que sentir-se mal era natural. Foi quando, em algum momento “ele” achou que era assim mesmo, e se permitiu o sentir, com dor, a impotência de estar naquele lugar, repleto de parentes, perto dos latões de lixo, próximos a esquina do canto pequeno onde os seus nasciam e continuavam a viver. Uns provocando os outros, com inveja até mesmo da dor dos iguais. Acho que “ele” suportou, mas seguiu. Um dia descobriu que não precisava estar sempre ali, mas ainda permanecia, “despertência”.

Saiu e voltou, todos os dias, para este lugar estranho, onde em nada achava que se parecia. Era “ele”, um estranho mesmo naquele lugar, porque não agradava, nada parecia dizer ou fazer certo, e até mesmo a mãe e os irmãos começaram a chamá-lo de “esse daí! Chegou ao ponto de dizer uma vez Dona “ela”: “vai morrer e me deixar com esse aí”? E “ele” ouviu, sofreu, sentiu e “des-sentiu”, como fez por toda a vida. Soube naquele duro momento que de fato “despertencia”, e se permitiu “depertencer” àquele lugar.

Num dia saiu um pouco, e passou a despertencer também em outros lugares, onde para ser aceito e “depertencer” menos, colocou máscaras de todas as espécies, e pertenceu, por alguns segundos, enquanto passada a “depertencer” a si (próprio)! Achou em algum momento que havia perdido todas as características que possuía, e que sentiu, e notou que havia ganhado novas, mais duras. Sua pele estava menos fina, mais ácida e dura, e seu cérebro, sempre pronto a “depertencer”, no momento exato de tudo sentiu mais medo de pensar as boas ideias, que



“DESPERTENCER”  
Imagem: A. Quaglia

---

o tornavam diferente dos demais. A tal impulsão, que de fato era a proatividade, passou a sumir. Será que perdi tudo isso? Sim, “ele” perguntou num dia, entre um “despertencimento” e outro, entre dias de sol e de chuva, e continuou sem resposta. Elas, as perguntas, pareciam ecoar, porque ninguém entendia o que era questionado, ou, fingiam que não. Tenho certeza que “ele” pensou, em algum momento, que deveria ser mais fácil deixar de responder de forma correta, sobre todo aquele “despertencimento” impelido.

Um dia, numa noite, um incidente aconteceu. Tudo que acreditava saber sobre ainda pertencer um pouco naquele local, naquele lugar, deixou de existir. Com medo, e ainda sem conseguir respirar, decidiu fazer as malas, e sair. Deixou as máscaras que usava com aquelas pessoas da família, amigos e trabalhos, porque já não mais cabiam em seu rosto, e chegou a largar algumas que usava com as pessoas de fora, no chão e dentro do armário, de onde nunca deveriam ter saído.

Pegou um caderno de bolso, e começou a tomar nota do que realmente valia a pena levar consigo, e com isso, foi deixando as bagagens que levou daquele lugar, pelo chão, perdidas na estação de trem, na biblioteca, no trabalho, e por onde mais precisasse deixar. Percebeu que desde criança, por ser diferente dos demais a sua volta, porque tinha empatia, amor e porque sabia “voar, não apenas caminhar”, entendeu que algumas das características que não nos pertencem, e que admiramos em alguém, nem sempre são tão interessantes assim. Algumas simplesmente, não são! Como quem não programou nada, se atirou nos caminhos que desconhecia e decidiu que tentaria pertencer. Mas não pertencer da mesma forma de antes, mas uma nova, onde desenterraria tudo que colocou naquela caixa fechada, no fundo do seu cérebro, e mergulhou numa ideia diferente. Seguiu sozinho.

Numa noite chuvosa, carregada de trovões, “ele” percebeu que havia chegado a um lugar onde gostava de estar, e achou que ali também valeria a pena manter as máscaras que sempre colocou sobre seus sentimentos. O que “ele” não sabia era o fato de que todos os sentimentos guardados em nós, como o desejo por sermos iguais aos outros, eram uma falácia. O que parece ser bom no outro, nem sempre é bom em nós. A velha história da grama verde no jardim do vizinho, do sorriso pleno no rosto do conhecido, da máscara que não cabe, e por aí vai.

Entre os que escolheu estar, percebeu que todos ali precisavam, em algum instante, dispor de máscaras, e por vezes, despi-las. Aquele jogo de sentimentos onde respeitar e ser respeitado era uma lei, ali prevalecia. Nem todos eram iguais fisicamente, e nem sempre mantinham as mesmas ideias, porém, assemelhavam-se por causa daquilo que acreditavam, porque se respeitavam em suas diferenças. Sentiu-se diferente, porque naquele lugar de fala, só seu, entendeu que “ele” era morada, caminho e decisão. Sabia que era a própria partida e a permanência, e que, por isso, se não pertencesse, não precisava aceitar ou ficar, e se “despertenceria”.

A coisa é que nem sempre nos sentimos, de fato, pertencentes aos lugares onde nascemos ou estamos, e dessa forma, porque vivemos numa sociedade que nos ensinou assim, seguimos a aceitar a dor, se ela vem daqueles que deveriam nos proteger e respeitar. Não foi diferente para “Ele”, porque depois de tudo que passou, algumas vezes decidir pertencer a outro grupo, e decidir permanecer junto a espécies diferentes como escolha nossa, nos permite sentir que finalmente, estamos encaixados onde deveríamos, e só então, passamos a pertencer.



“DESPERTENCERES” PERTENSIDOS  
Imagem: A. Quaglia



Oswaldo  
Amorim

● O TOM DA MÚSICA

## A BOA MÚSICA PRECISA SER OUVIDA! Nota da editora

**M**úsicos instrumentistas fazem poesias sem palavras. Suas composições transbordam suas almas, e tocam as nossas, arremessando-nos do chão com melodia e delicadeza. Pacientes, fazem conversar as notas, uma fala. Assim é Oswaldo Amorim e seu trabalho, edificando almas e ouvidos, nos inúmeros espaços de shows, dentro e fora de Brasília.

Músico e professor na Escola de Música de Brasília (E.M.B), dedica-se a transmitir o conhecimento adquirido, e reforça a máxima sobre passar adiante aquilo que recebeu a partir de muito estudo e dedicação.

Oswaldo começou a tocar baixo influenciado por um show do Iron Maiden, porém, antes, outras boas influências o fizeram ser o grande músico que é hoje. Acredito que possamos atribuir seu refinado e plural gosto musical, ao fato de ter recebido diversas influências por onde morou, do samba no Rio de Janeiro, passando pelos ritmos de Belém, outra morada, até as influências do rock e outros ritmos. Somados aos seus talentos, tudo isso resultou numa imensa bagagem cultural, que gestou e fez nascer composições magníficas, provenientes da incansável perfeição que faz pessoas como ele serem extraordinárias!

Por causa disso trazemos nessa 13ª edição uma série de links e QRCode, na intenção de que aproveitem o ano novo que chegou para escutar boas músicas, e para que possam conhecer mais sobre o artista, compositor, maestro e membro desta Revista 15.47, dispondo aqui nossa grande admiração não apenas pela pessoa, mas também pelo gênio criativo e seu trabalho maravilhoso como músico.

Assistam a  
boa música

Convidamos que assistam o especial com o músico, gravado pela TV Senado, em maio de 2018, para o Programa Studio A, com entrevista com o jornalista Assis Medeiros.

 [SEGUIR OSWALDO AMORIM](#)

Imagem captada ao longo do programa  
TVSenadoo, disponível no Youtube

## ● FOTOGRAFIA DA CAPA



## PORQUE TODO PATRIMÔNIO GERA BELAS MEMÓRIAS

“Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa por a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhantes ao conhecimento(...)

Susan Sontag, Sobre Fotografia

**A** beleza de uma boa fotografia é a certeza de que aquele momento ficará perpetrado num infinito espaço pontual, e que transporá o tempo da foto, porque naquele justo e pequeno instante em que o fotógrafo decidiu-se por aquele ângulo, aquela luz e aquele lugar, a imagem ficará amortecida. Naquele lugar fixado, inerte, porque agora é imagem, estarão encapsulados sons, cheiros, temperatura, que, tanto o fotógrafo, quanto o observador, sentirão ao retornarem no espaço firmado na arte com um tempo - histórico -. finito, corriqueiro, porém, passado-presente. Um ângulo, uma luz, naquele lugar, em que iniciamos um processo gerador de memória, preservado.

Porém, se daqui a algum tempo o fotógrafo retornar ao mesmo lugar, poderá sofrer a desventura de não mais encontrar aquilo que capturou, que tomou para si. Entretanto se a paisagem escolhida, seja por beleza ou estranheza, encontra-se em área tombada, as chances de poder revisitar um lugar muito parecido, se não igual ao capturado na fotografia é certa.

Pensando no patrimônio, aconteceu a fotografia da capa. Luciana Rodrigues Pereira de Jesus, a LUH, é uma das alunas do projeto Educação Patrimonial BsB, e teve sua fotografia escolhida entre tantas, tão magníficas, por representar o olhar atento e técnico, necessários para a bela captura de imagem, e representação do Patrimônio, que necessita permanecer como documento daquele tempo e lugar.

LUCIANA RODRIGUES



PEREIRA DE JESUS

“Meu nome é Luciana, eu nasci e cresci aqui em Brasília, (...) tenho 16 anos e estou em busca de entender mais sobre fotografia e patrimônio.

Fiquei surpresa ao saber que a minha foto foi escolhida entre várias outras imagens lindas, eu fiquei feliz porque a minha foto foi notada e eu a tirei da forma mais simples possível, utilizando a câmera do WhatsApp. Eu tinha apenas o meu celular e um sonho KKKKK”

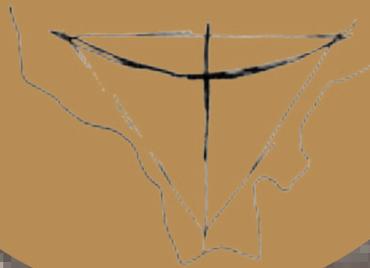


Veja mais aqui!

Leia mais sobre Educação Patrimonial BsB em [paraboloide.com](http://paraboloide.com) e acompanhe o projeto! Muitas coisas estão programadas para além de 2023!

**A COLETA DE  
ÁUDIOS  
CONTINUA**

**MEMÓRIAS E BRASÍLIA.  
ISSO É BRASÍLIA**

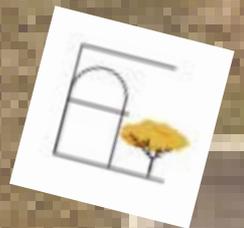


**SAIBA MAIS**



**SALVAGUARDA DAS MEMÓRIAS  
QUE REPRESENTAM A PERCEPÇÃO PESSOAL  
EM**

**BRASÍLIA**



**ENVIE SUA MELHOR MEMÓRIA SOBRE BRASÍLIA (PLANO PILOTO  
E A GRANDE BRASÍLIA) NUM ÁUDIO COM SEU NOME PARA  
(61) 98177-2538!**

**PORQUE SÃO AS MEMÓRIAS E O PERTENCIMENTO, QUE NOS  
FAZEM PRESERVAR!R!**



1547 REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA



PARABOLOIDE.COM





PARABOLOIDE.COM

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538